28-MAIO-1936
ANNO XXXV
NUMERO 156
Preço 1$200
O MALHO

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

SECÇÕES DO COSTUME

CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

Tem o n. 32 o "coupon" que hoje apparece nesta pagina, destinado a ser collado ao Mappa com que o leitor se habilitará ao sorteio dos premios deste concurso, mediante troca que será effectuada conforme as instrucções que opportunamente publicaremos a respeito.

Corresponde a esse "coupon" uma interessante pagina de Berilo Neves, com original illustração de Luiz Gonzaga.

Estamos caminhando, assim, a passos largos para o encerramento do certamen em tão boa hora lançado por esta revista em collaboração com MODA E BORDADO.

Esta ultima revista, a maior publicação de interesse para as senhoras, em seu proximo numero, que será posto á venda a 1.º de Junho divulgará o "COUPON" N. 33 que será o ultimo a ser offerecido aos colleccionadores em suas paginas, e corresponde a uma linda collaboração inédita de D. Iracema Guimarães Villela.

7.º premio — Valor 2:600$000

Conforme vimos desde o inicio frisando nesta pagina, são grandemente tentadores os premios que offerecemos para sorteio entre os concorrentes deste certamen. E podemos sem escolher indicar qualquer um, como por exemplo o 7.º premio, que é uma esplendida machina de escrever L. C. SMITH, universalmente conhecidas, sendo a unica machina montada em rolamentos.

Adquirida com os seus distribuidores: Byington & Cia. — Rua São Pedro, 68/70 — Rio — pode ser ali examinada pelos interessados, que assim melhor julgarão do seu valor e perfeição.

BERILO NEVES a quem devemos a pagina de hoje do "Album de Arte e Literatura", nasceu em Parnahyba, Estado do Piauhy, onde estreou literariamente e onde dirigiu, durante alguns annos, o semanario catholico "A Boa Semente", fundado pelo Conego Mello Luis. Vindo para o Rio, em 1924, aqui se consagrou de todo ao jornalismo e ás letras, ingressando no "Jornal do Commercio", como Redactor, cargo que ainda hoje exerce.

Passou, no mesmo anno, a collaborar em "Careta" e, depois, em quasi todas as revistas illustradas desta Capital e dos Estados. Em 1929, deu á lume o seu primeiro livro, intitulado "A Costella de Adão", recebido com invulgar louvor pela maioria dos criticos e homens de letras do paiz, e com grande enthusiasmo pelo publico do Brasil inteiro. Esse livro, que já se encontra em setima edição, representa um dos maiores successos de livraria registrados entre nós nos ultimos 20 annos, só tendo sido ultrapassado por algumas das ultimas obras de Humberto de Campos.

A seguir, publicou "A Mulher e o Diabo" (hoje em 3ª edição), "Lingua de trapo", "Seculo XXI", "Pampas e Cochilhás", e, por ultimo, "Cimento armado".

Alguns dos seus livros estão sendo traduzidos em hespanhol, inglez e polonez. As revistas argentinas "La novela semanal" e "El hogar" traduzem, frequentemente seus contos e chronicas.

Berilo Neves é conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa, vice-presidente do Touring Club do Brasil e professor de Literatura do Collegio Militar do Rio de Janeiro.

EXEMPLARES ATRAZADOS

Ainda temos em nosso escriptorio para venda avulsa, os numeros de O MALHO e MODA E BORDADO que trazem os "coupons" anteriores ao de hoje. Attenderemos a pedidos do interior. Mandaremos tambem a capa do Album mediante envio de 1$000 para o porte no correio.

CONSULTORIO MEDICO

Aspecto da inauguração do novo consultorio medico do Dr. Agnelo Cerqueira, reputado especialista em molestias das crianças, a 10 de Abril passado.

Gabinete de exames do novo consultorio do Dr. Agnelo Cerqueira.

ANNAES BRASILEIROS DE GYNECOLOGIA

Está circulando o numero 5 dos "Annaes Brasileiros de Gynecologia", revista mensal, que se editta no Rio, dedicada exclusivamente a essa especialidade medica.

Este numero traz interessantissimos trabalhos originaes dos Drs. Francisco Bruno Lobo, Waldyr Tostes e Francisco de Carvalho Azevedo, além de um apanhado geral de tudo, quanto sobre a materia, publicam as melhores revistas scientificas do mundo.

Em "Annaes Brasileiros de Gynecologia", se encontra, assim, a ultima palavra sobre esse ramo da medicina.

Os seus directores são os Drs. Arnaldo de Moraes e F. Victor Moraes.

LAIR DE BARROS NA "CRUZEIRO"

O "cast" da "Radio Cruzeiro do Sul" está melhorado com a presença de Lair de Barros. Artista de personalidade, ella vae se tornando um nome de cartaz, no confuso ambiente de radio desta capital.

RADIO E JORNAL

A imprensa diaria é, talvez, uma das maiores victimas do radio.

Em primeiro logar, no terreno da publicidade remunerada, onde as estações entraram como concorrentes dos mais serios.

Mas tambem na parte do noticiario e até mesmo na das reportagens policiaes, o radio começou, agora, a andar de pingente, como passageiro de trem de suburbio.

E' que poucas das estações que, ultimamente, transmittem noticias e factos, têm o direito de fazel-o sem indemnisar as fontes em que se abastecem.

Com excepção da "Tupy", que faz parte do consorcio jornalistico do Sr. Assis Chateaubriand, as demais deviam pagar ás agencias telegraphicas e ás empresas editoras o material de que se servem.

Mas o despudor das emissoras cariocas vae ao ponto de repetirem, pura e simplesmente, sem alterarem uma palavra, todo o noticiario dos vespertinos e matutinos.

São, assim, como certos jornaes do interior, que transcrevem artigos publicados nesta capital sem citarem a procedencia e, ás vezes, até, dizendo que são escriptos ineditos e especiaes...

E' evidente que a imprensa diaria precisa defender-se da semcerimonia do nosso radio, que vae ficando cada vez mais audacioso...

O. S.

RADIOLETES

Linda Baptista, cujo titulo de "rainha" é uma das muitas *blagues* do radio carioca, deixou a "Radio Cruzeiro do Sul".

—

A "Radio Ipanema" e a "Radio Jornal do Brasil" estão disputando com ardor a posse da Martha Eggerth. Ambas aspiram bater um "record" de irradiações dos discos da estrella hungara...

As meninas que aprenderam francez no "Sacré Cœur" gostam das canções que Liscia Maris canta no idioma de Lucienne Boyer.

—

O "Programma Suburbano", dirigido por Luiz Vassalo, transferiu-se da "Guanabara" para a "Educadora".

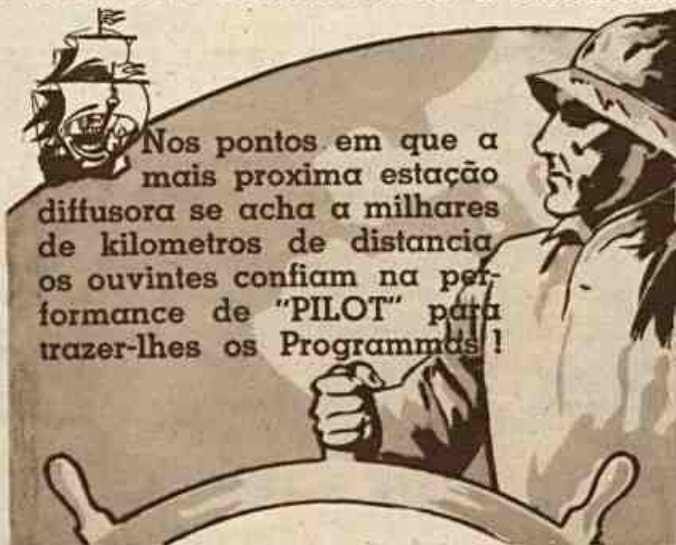
—

O Joaquim, o sympathico Joaquim Pimentel, cantor lusitano que actúa no "broadcasting" carioca, voltou de Portugal com um repertorio novo. Tem sido um regalo para a colonia...

GENTE DE FORA

O retrato é bonito. A voz tambem é. E a voz e o retrato pertencem a Lucia Montalvo, uma cantora argentina que se encontra entre nós. Veiu contractada pela "Ipanema". E apparecerá pessoalmente, de certo, no "Casino Atlantico". Lucia Montalvo é interprete do "folk-lore" dos paizes de "habla castellano", especialmente de canções argentinas e mexicanas.

A ORCHESTRA DA "IPANEMA"

Um dos mais completos conjunctos do nosso radio é o da "Radio Ipanema", dirigido por Gaó. E' uma orchestra seleccionada, nitidamente radiophonica, virtude que as outras, em sua maioria, se esquecem de possuir.

Tambem o "Radio Club do Brasil" vae fazer annos. No proximo dia 4 a estação do Sr. Elba Dias completará 12 annos.

RADIO-POSTAL

Joaquim Bittencourt (Floriano, Estado do Rio) — As letras que me enviou são aproveitaveis. Duas, as intituladas "Eu olhei" e "Não vale a pena brigar", são mesmo boas. Escriptas com simplicidade e bom senso, demonstram que o seu autor póde dedicar-se ao genero. Quanto ao meu apoio para lançal-as, posso garantir-lhe que elle não resolverá o seu caso. A gente de radio não quer nada com a gente de jornal que faz questão de manter a sua independencia... O redactor d'O MALHO é, no caso, um "pistolão" negativo... — O. S.

A VOZ DO OUVINTE

Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1936. Illmo. Sr. redactor radiophonico de O MALHO. Começo por felicital-o pela sensatez e imparcialidade com que faz suas criticas. Aprecio-as sobremaneira, e posso affirmar-lhe que é quasi um caso unico na critica radiophonica brasileira a vossa imparcialidade. E por isso, em meia duzia de linhas mal redigidas, eu vos testemunho a minha sincera admiração.

O que V. Exa. disse n'O MALHO n. 151 sobre a "Hora do Brasil", é a expressão da verdade. E é lamentavel que o Sr. Lourival Fontes, um espirito dynamico e culto houvesse fracassado nesse problema de capital interesse. Mas elle não podia lograr exito em todas as iniciativas, não é verdade?...

Sou portuguez, — mas admiro tudo quanto é brasileiro, especialmente musica e... mulheres — e acho uma grande imprudencia, irracional até, cantar um fado "chorão" no programma nacional brasileiro. E como o fado, o fox, a rumba, o tango, etc., que, incluidos no programma nacional, denunciam flagrantemente a incapacidade de seus inconscientes organisadores.

◇

Agora, quer V. Exa. saber qual seria a organização ideal? Nada de artistas. Os artistas ao microphone peccam sempre. Umas vezes por falta de competencia; outras, por não estarem bem dispostos para cantar; outras, porque "errar é humano", etc., etc. Com o disco, entretanto, nada disto acontece. O cantor quando grava um disco, fal-o com cuidado, consciencia, e já chegou certamente ao ponto mais alto da sua vida artistica. E ainda porque, indubitavelmente, tem dotes artisticos sufficientes para se apresentar ao publico.

Ora, é sabido que quasi todos dos melhores artistas brasileiros, nunca se deram ao trabalho de ir cantar na "Hora do Brasil"! Assim sendo, só se apresentam para fazer "propaganda" do folk-lore nacional, artistas de segunda classe; ao passo que, se os senhores organizadores transmittissem discos, poderiam com facilidade variar o programma e fazer uma propaganda dignificante. Isso não só elevaria o bom nome do Brasil como concorreria para que todos os possuidores de receptores ouvissem a "Hora do Brasil", ao contrario do que se dá agora: Zolachio Diniz fala apenas para o microphone...

Exemplifiquemos o programma de segunda-feira: 1) — uma canção de Vicente Celestino; 2) — uma marcha de Carmen Miranda; 3) — uma valsa de Francisco Alves; 4) — um choro por Benedicto Lacerda; 5) — uma marcha pela banda de Fuzileiros Navaes, como ultimo numero. E assim successivamente.

Peço dizer-me com franqueza, Sr. redactor, se um programma destes não era ouvido com prazer por todos os radio-ouvintes, ainda que o locutor falasse dez ou quinze minutos seguidos sobre politica ou coisas banaes? E' forçoso confessal-o.

◇

Uma outra coisa, Sr. redactor: ha estações que iniciam as suas transmissões de discos variados com um fox ou tango! Aonde está a logica, a sensatez, o patriotismo destes *speakers* ou Director artistico? E' inexplicavel e absurda essa attitude. Que depois toquem sómente foxs, tangos, fados, ou até o Diabo, mas que iniciem com um disco bem brasileiro para quem ouve ter a impressão que a estação é de facto nacional. E se não me engano, V. Excia. já abordou esse assumpto a respeito de uma estação que só transmitte foxs, pois o seu Director-artistico, que julgo ser estrangeiro, não trepida em só transmittir os "zig-zags" da sua terra em prejuizo da "folk-lore" nacional. Transmitta-se pois, na "Hora do Brasil", musica puramente nacional, sómente nacional!

Releve-me a ousadia, Sr. redactor, e desculpe-me em tel-o "caceteado" tanto. Mas eu tinha que desabafar, e as vossas lidimas chronicas e impeccaveis criticas prenderam-me a attenção.

Agora, para evitar melindres, peço permissão para occultar o meu obscuro nome sob o pseudonymo

MALFADADO...

O PIANO E OS HUMORISTAS

Vem-se dizendo que poucas senhoras continúam tocando piano depois de casadas. Esta informação só se diffunde para incitar as jovens a entrar na carreira matrimonial.

Anonymo

☼

Caixa enorme, de madeira geralmente preta, na qual os que, nos bons tempos frequentavam os cabarets, costumavam atirar as garrafas de champagne vasias.

Max e Alexandre Fischer

☼

O piano vertical é, na familia dos pianos, o parente pobre, emquanto que a cauda é o homem a quem tudo sorriu na vida. O órgão é o primo asthmatico ou, si quizerem, algo assim como a bicycleta da haromnia, que se maneja com pés e mãos; retirou-se para o convento, depois de incompatibilizar-se com as vaidades do mundo.

Miguel Zamacois

☼

Os pianos contribuiram para a ruina do gosto do publico, em maior dóse que os folhetins e novellas a prestações.

Max Jacob

☼

Si te encontras na sala de um hotel, não toques piano, a não ser que te convide a metade dos presentes mais um. Que direito tens tu para fazel-os supportar as tuas inclinações musicaes? Que dirias si, seguindo o mau exemplo, chegasse um professor e, sem mais preambulos, se puzesse a fazer uma conferencia sobre os aqueductos romanos?

Pitigrilli

☼

E' uma féra, enorme bocca e dentes terriveis, que não morde, e a que fazem festas as mulheres, os homens e até as creanças, ora com as mãos, ora com os cotovellos...

Um viajante chinez

☼

O piano vertical é macabro e sinistro; é o seu caixão de 1ª classe, com alças e tudo.

A. Bucci

AS NOSSAS VIOLINISTAS

Srta. Jessy de Almeida, recem-diplomada violinista pelo I. N. de Musica, no curso da prof. Paulina d'Ambrosio. A senhorita Jessy é filha do casal José de Almeida-Maria da Gloria de Almeida.

O "Elysée"—Bourbon

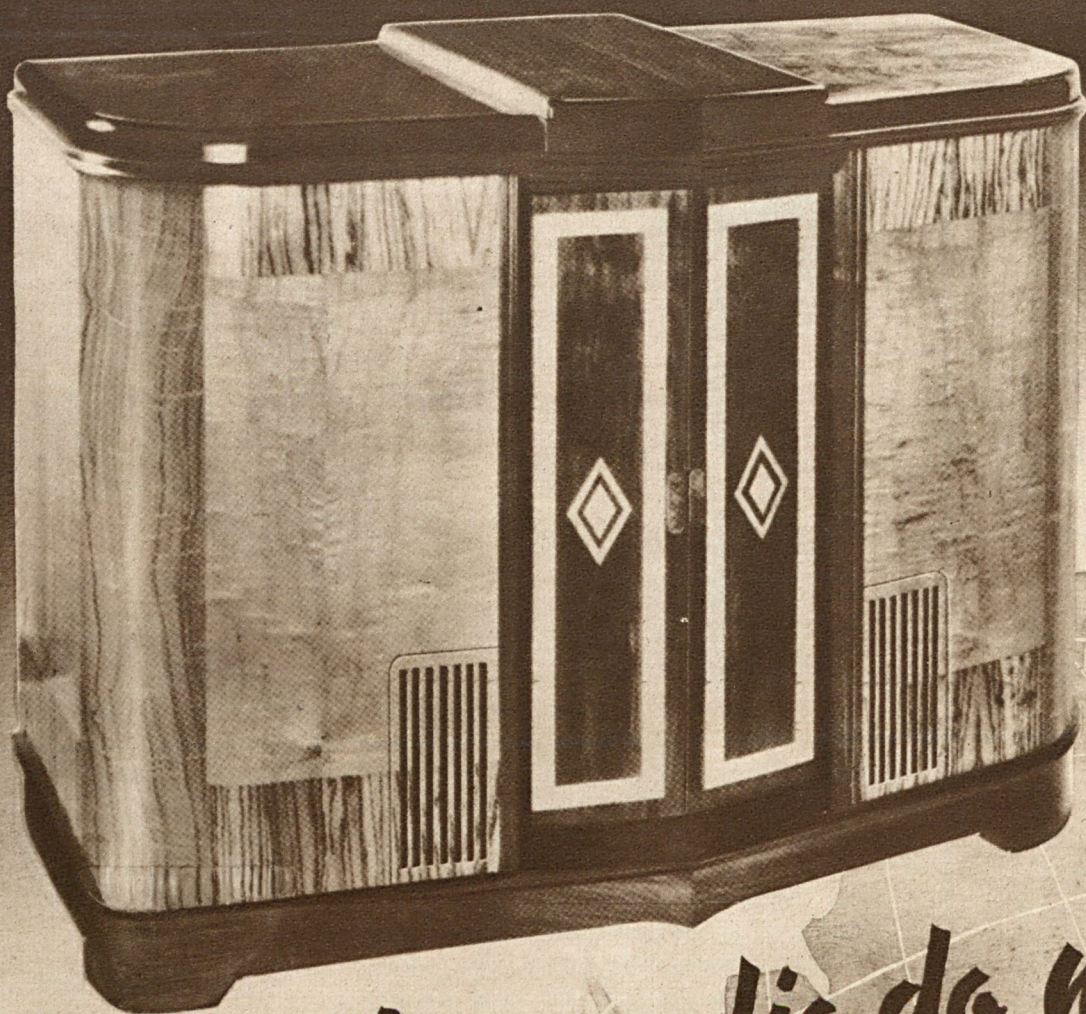
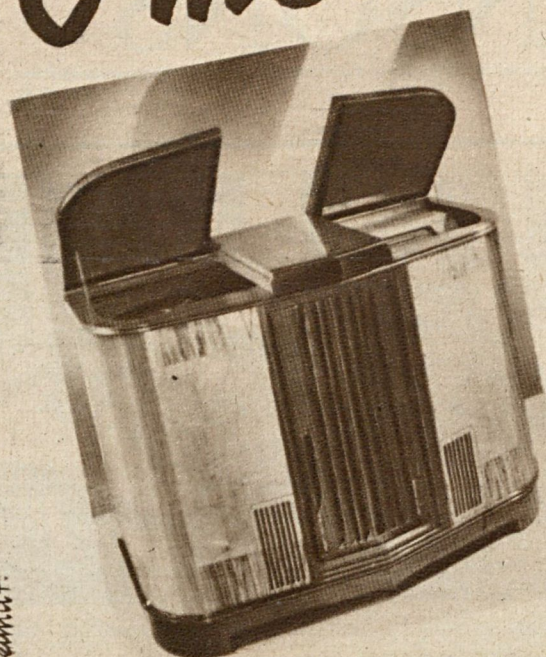
A residencia dos Presidentes da França, que se destaca entre os paços sumptuosos da Avenida dos Champs Elysées, foi construida, em 1718, por Mollet, conde de Evroux. A marqueza de Pompadour adquiriu-o por 650.000 francos e nelle quiz morrer (1764).

Um grande banqueiro, Beaujon comprou-o, mais tarde, para vendel-o por........ 1.100.000 francos, á duqueza de Bourbon. Desde então o palacio passou a ser, designado por "Elysée-Bourbon".

Napoleão I, o tzar Alexandre, o duque de Wellington, Napoleão III, quando Presidente da Republica, ali residiram ou foram hospedados.

Uma estatistica curiosa

Um magistrado de Chicago conseguiu enumerar os bandidos que exercem sua industria no territorio da bandeira estrellada. A tarefa foi relativamente facil, devido á organização efficiente da Policia americana. Referindo-se á catalogação de criminosos, veiu á balha citar que um jornal chinez, o "Nichi-Nichi", revelou a existencia, só na provincia de Shanghai, de 70.000 bandidos conhecidos da Policia, dos quaes 40.000 estão "reformados"!

A NOVA DIRECTORIA DA A. B. I. — Dois aspectos colhidos no salão nobre da Associação Brasileira de Imprensa, quando era empossada a sua nova directoria.

A FALLENCIA DO MODERNISMO

NUNCA houve no Brasil movimento literario mais disseminado nem mais empolgante que o chamado — Modernismo. Surgiu sobre as ruinas do parnasianismo e verdadeiramente tripudiou em cima dessas ruinas, sem dó nem piedade. O parnasianismo era velho e quasi alimentado por velhos cultores. Ora, o Modernismo appareceu justamente com o preconceito do novo, de movimento de jovens, para cantar a "terra moça", para enaltecer a mocidade (tudo num sentido puramente chronologico) em detrimento do passado, dos "passadistas", da corrente literaria anterior. Modernidade pela modernidade: o que era moderno era bom; o que era velho era irremediavelmente ruim. A poesia ficava pois uma simples questão de moda, limitada no presente, com pretensões futuristas. Assim a perennidade da poesia, os seus motivos eternos que remontam á mais remota antiguidade e que se perpetuarão até consummação foram regeitados, acceitando-se então como normas para os neophitos a lenga-lenga dos innumeros programmas surgidos por todo o territorio brasileiro. Houve um momento em que se creou a "anthropophagia" com o fim idiota de se eliminar o que fosse alienigena em materia de arte. A poesia ficou a coisa mais intencional e mais pragmatica que já se viu.

Com taes propositos e com taes mentores e com tanto barulho, a poesia não appareceu a não ser a muito poucos, alguns provindos até do parnasianismo e a raros outros innocentes de programmas e de intenções poeticas. Queriam fazer poesia com revolução, destruindo todo o regime precedente para se construir tudo de novo e em sentido contrario. Ninguem se lembrava que revolução pode produzir dictadores, politicos, oradores, agitadores, economistas, menos grandes poetas, grande poesia que precisa da ordem e da paz e do amor para frondejar. Foi por isso que movimento algum deu jamais no Brasil tantos poetas (surgiam até aos magotes, tres, quatro, cinco, pelas cidadezinhas do interior, subscrevendo cadernos desenxabidos de poemas) como o Modernismo. Foi um movimento prenhe de poetas mas poetas exiguos e numerosos tal qual a prole dos pequenos animaes.

Não creou consciencia do "moderno" como os movimentos anteriores crearam: o romantismo, o symbolismo, o parnasianismo. Modernismo, dia a dia, se tornava coisa vaga — synonymo de extravagante, de blague, de pilheria. Perdeu o credito a ponto dos sobreviventes do movimento se afundarem no mais torvo ridiculo. A procura do novo e do original desviou esses faiscadores das jazidas da poesia: traziam as mãos cheias de pedras ordinarias e verdadeiramente lapidaram a poesia.

JORGE DE LIMA

Milhares de creaturas vivem á margem da vida, na expectativa do futuro, da felicidade.

A civilisação assiste ao espectaculo de um progresso, que traz no bojo do seu mechanismo, o espantalho da ruina, no esplendor da utilidade e do conforto. O patrimonio material da humanidade, jámais se ostentou tão opulento, as riquezas do passado nunca superaram as fortunas bancarias do presente, jámais os nababos de hontem sobrepujaram a quantidade dos nossos multimillionarios, em nenhuma outra época se viu cidades tão ornamentadas e luminosas. E comtudo, o genero humano vive os dias mais pungentes da Terra. As turbas vociferam nos comicios e solapados pela maré das revoluções, os edificios politicos se desmoronam, as forças economicas se dispersam e a humanidade no apogeu da opulencia, fita o horizonte do seculo, na expectativa dos tumultos que correm ao nosso encontro. Que significa toda essa penuria e toda essa confusão, no festival de tanta grandeza? Examinemos com o inquerito da razão, a origem da anarchia mundial.

AS RIQUEZAS FICTICIAS

Deparamos com um vicio economico, que corrompe a actividade industrial, o paradoxo da miseria, no seio da fartura. A civilisação vem sendo devorada pelo fetiche da riqueza. Nos seculos XIV, XV, XVI, XVII e mesmo durante o seculo XVIII, os monarchas europeus vedavam a sahida da prata e do ouro, além das fronteiras dos seus reinados, porque as nações se consideravam ricas pela quantidade desses dois metaes. A sciencia economica, cujos principios se desenvolveram a partir do seculo XVIII, estabelecia dois pontos capitaes. Primeiro, só ha uma fonte de valor, que é o trabalho. Segundo, só ha uma fonte de riqueza, que é a actividade economica do povo. Dahi, ter J. B. Say definido a riqueza como a somma dos valores, criterio que Le Bastier achava deficiente e erroneo, devendo a riquzeza ser avaliada pela direcção das forças do trabalho e da producção. Mas o erro consideravel de J. B. Say, erro arraigado em todos os homens de negocios, desses ultimos tempos e a que se deve tantas crises financeiras, consiste em confundir o augmento de preços com o augmento de riqueza. Rossi notou com razão que si cada vez, que se faz uma troca, ha um valor accrescido, certamente o milagre viria a ser enorme, quando bastaria trocar tres ou sete vezes as mesmas mercadorias, para se obter o valor multiplicado indefinidamente. A extravagante doutrina, de que a multiplicação dos preços, traz a virtude de multiplicar as fortunas, conduziu os productores a exaggerar as cotações. Resultou o desequilibrio economico, provocado pela desegualdade entre o capital circulante nas

O FETICHE DO OURO DEVORA OS POVOS

DE MATTOS PINTO

massas populares e o capital imaginario representado pela valorisação theorica. Aliás, Clément Juglar já havia dito, que a exaggeração do commercio interno e exterior, a preços alteados pela especulação e não a preços naturaes, conduz aos embaraços economicos.

A ESPECULAÇÃO E A SUA VORAGEM

Na Inglaterra, houve crises commerciaes no seculo XIX, todas ellas de consequencias funestas, attribuidas a diversos factores, como guerra com a França, regimen do papel moeda, abundancia de prata, mas sobretudo devido á especulação. A ambição e a sêde de riquezas faceis empolgou as classes. O *Annual Register* descrevia em 1824: "Viu-se então, homens de todas as categorias e todo caracter, prudentes e audaciosos, noviços e velhacos, gentes as mais simples, como as mais habeis, as mais desconfiadas, como as mais confiantes, duques, lords, advogados, medicos, theologos, philosophos, obreiros, pequenos empregados, mulheres, viuvas, moças, expor uma parte dos seus haveres em empresas, de que conheciam apenas o nome e cuja finalidade ignoravam". Logo depois irrompia o terremoto economico com o seu cortejo de fallencias e derrocadas bancarias, o terror do panico financeiro. A crise invadiu a America do Norte em 1825, evoluiu durante os mezes de 1836, culminou no anno de 1839, provocando a interrupção dos pagamentos, a liquidação definitiva do Banco dos Estados Unidos. Nessa mesma época, 959 bancos cerraram as portas. De 1837 a 1839, as estatisticas officiaes constataram cerca de 33.000 fallencias, com a perda de 440 milhões de dollars. A crise emigrou para a Europa e como verdadeiro abalo sismico no mundo das finanças, deixou vestigios da sua passagem derruidora, nos diversos paizes por onde se deslocou. De Janeiro a Julho de 1839, Paris assistiu a 600 fallencias com o prejuizo de 148 milhões de francos. A crise abrangeu logo em seguida, a Belgica, a Allemanha, outras nações. Laveleye considera a impressão despertada pela crise de 1825. na Grã-Bretanha, semelhante ao terremoto de Lisboa, em Portugal e semelhante á erupção do Vesuvio, em Napoles.

Em Paris, a cidade luz, esperam a hora da ração gratuita victimas da machina.

A CONGESTÃO DO PROGRESSO

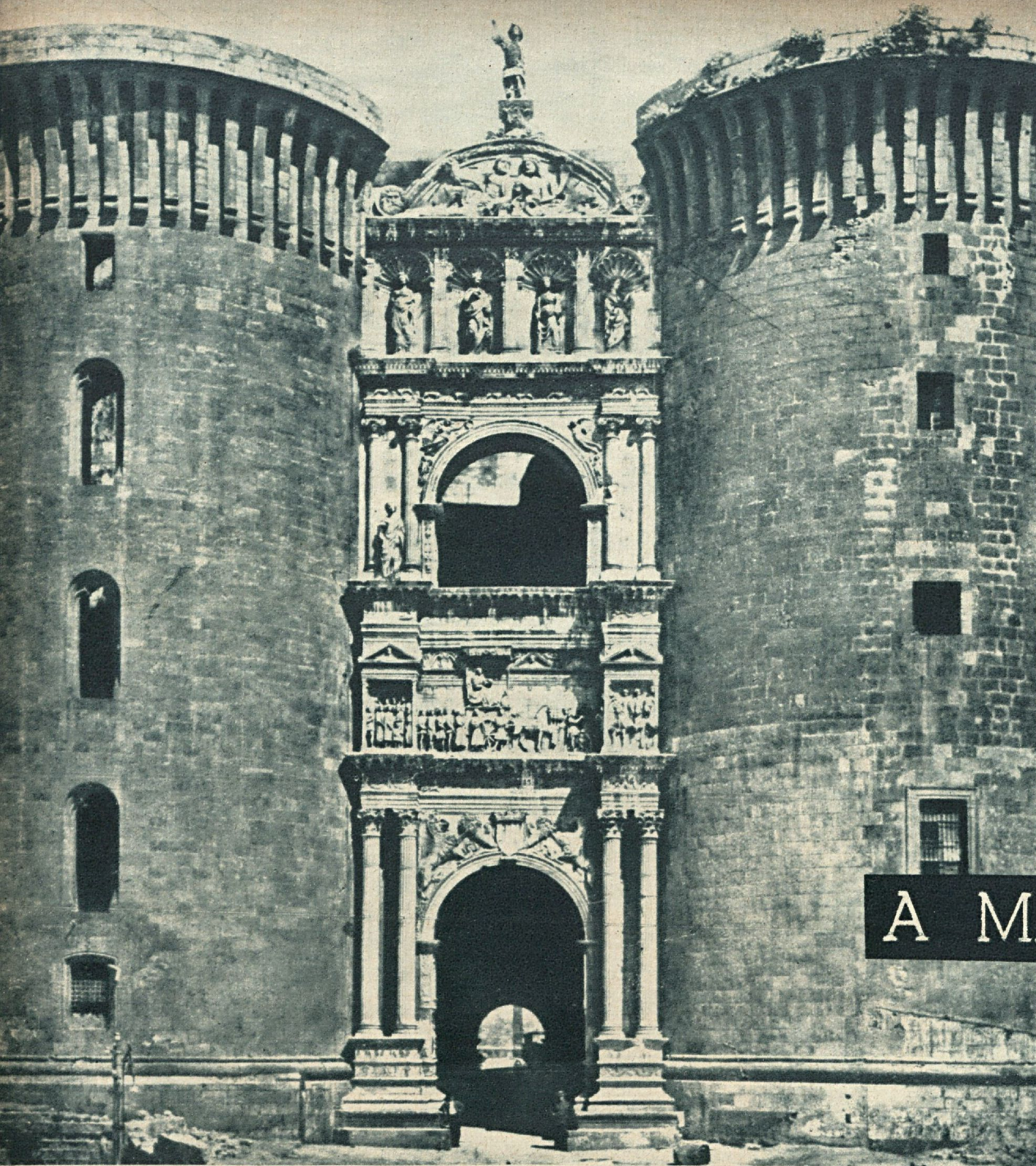
Jean Maxime Robert via a depreciação monetaria, como o resultado das modificações sobre-vindas nos factores da producção, no emprego dos metaes preciosos, na politica de certos governos. Attribuiu-se as crises aos tres factores seguintes: — excesso de offerta, insufficiencia de compradores e abuso de producção. Sismondi se distinguiu entre os primeiros a denunciar o trabalho vertiginoso das machinas, como o factor primordial da superprodução. Allegam que não existe crise de superproducção generalizada. Ellas apparecem primeiro com um caracter restricto, com uma physionomia parcial, essencialmente particular, consistindo no exaggero de certas industrias, sobre outras industrias, que rompem o equilibrio economico do mercado. Dahi, a perturbação se diffunde pelos demais ramos da actividade commercial. Aftalion determina o phenomeno da crise, na intersecção de dois periodos, onde se opera a passagem da prosperidade á depressão, assignalando o fim de uma phase financeira e o começo de outra phase monetaria. Para esse doutrinador a crise se resume a um instante do cyclo da evolução, porém como se trata do momento mais pathetico do rythmo do progresso, attrahe a attenção geral. Friedrich Engels suppunha, que o mundo industrial e commercial, a producção e e cambio de todos os paizes, se deslocam em cada dez annos. Fourier denominou essas crises de plethoricas, crises de mercadorias superfluas, convertendo-se em fonte de miseria. E'mile de Laveleye enumera os diversos factores, a que se attribuiram varias crises desoladoras do seculo XIX. Os emprestimos e as empresas industriaes no estrangeiro, marcaram duas causas da crise de 1825. O escoamento do ouro da Inglaterra para a America, concorreu para a depreciação monetaria de 1836. As altas importações de cereaes, perturbaram o cambio na Inglaterra, produziram a catastrophe economica de 1839. Tambem as importações elevadissimas de cereaes, pela França e pela Inglaterra, collaboraram na crise de 1847. Em synthese, para Laveleye, a fuga do ouro prepara os tumultos financeiros. Admittiram tambem, que as crises coincidem com o momento justo, onde termina a série dos annos de alta dos preços, irrompe quando se inicia a série dos annos de baixa. Quizeram incluir nessa theoria, as crises de 1847, 1857, 1866, 1873, 1882, 1891, 1900. 1907. Albert Aftalion não reconhece a perfeita exactidão dessa theoria.

Quando o American Union Bank cerrou as portas, em New York, houve verdadeiro motim popular.

O trabalho que creou a civilisação, de progresso em progresso, constitue hoje, o phantasma dos povos.

A PLETHORA INDUSTRIAL

Os disturbios economicos, que se repetem durante seculo, obedecm ao determinismo do capital circulante? Ha uma lei de periodicidade nas depreciações monetarias? O economista allemão Max Wirth, imputava a origem das crises á ruptura do equilibrio entre a producção e o consumo. O abuso do credito, as especulações desenfreadas, a ganancia monetaria, os impostos abusivos, os jogos criminosos na bolsa, as barreiras alfandegarias, eis outros tantos phenomenos que precedem o desencadeamento dos bancarrotas. As pequenas crises subalternas, que se generalizam e que se transformam em catastrophes financeiras, explicam-se pela insufficiencia do poder de acquisição, deante da alta dos valores, sem compensação real na vida. Não ha crise de superproducção, mas crise de productos industriaes sem capital para adquiril-os, em virtude das condições anormaes, em que os fabricaram. Convem relembrar, a definição bem conhecida de Stuart Mill, estatuindo que o valor de alguma cousa significa a quantidade de qualquer outra, contra a qual póde ser trocada. Pelo concerto de *preço* entende-se o valor convencional, que serve para adquirir os productos industriaes. Si a producção se valorisa theoricamente e o capital representado pelo *preço* permanece estacionario, ha desequilibrio econômico e conseguintemente ha choques monetarios e anarchia no corpo da sociedade. Soou a hora de crear uma sciencia exacta e realista, que dirija as forças economicas, cujos litigios fazem a agonia dos povos.

Napoles — O "Maschio Angioino", junto ao Colyseu.

A MARAVILHA DE NAPOLES

O maior prodigio de Napoles, a *città ridente*, no dizer sonoro de Ibañez, não é a bahia formosissima, não é *Castellamare*, na belleza sem par de suas aguas, nem a *gruta azul*, com a feeria de suas côres, espelhando-se numa superficie liquida, irisada, incomparavel. O maior prodigio da Parthenope famosa dos gregos, da antiguidade classica, é o milagre que se realisa, ali, todos os annos, ha seculos, com o sangue de São Januario. Ninguem ignora, em todo o mundo, o facto assombroso. E' por occasião da festa annual em que se commemora o martyrio do grande heróe christão, das eras sombrias em que Roma pagã, pela bocca de milhares de pessoas, clamava, no delirio da loucura sectaria:

A's feras os christãos! Era no amplo amphitheatro do *Colyseu*, ás vistas complacentes de Cesar.

São Januario era bispo e, como tal, devia dar o exemplo da bravura moral, do pastor destemido, que, no dizer do Evangelho, deve morrer, si preciso, pelas suas ovelhas. Na occasião do sacrificio cruento, alguem — um fervoroso admirador das suas virtudes — se lembrou de recolher, num calix, o sangue do martyr, tal como, reza a tradição, fizera com o Christo, Nicodemos. Conservou-se o liquido precioso em um pequeno templo, em Napoles. Com verdadeiro pasmo, verificou-se que aquelle sangue coagulado, cada anno, precisamente no dia commemorativo da execução dramatica de Januario, liquefazia-se, vivo, borbulhante.

O caso inedito despertou a attenção da cidade e do proprio mundo. A' luz da sciencia foi examinado o prodigio. O Papa nomeou commissões e commissões de physicos —como eram chamados, na época, os medicos— e nada se poude explicar, humanamente. Correm seculos e o mesmo mysterio, o mesmo enigma, desafiando os sabios, annulando as aquisições modernas de todos os Galenos e de todos os Hypocrates. E, ainda hoje, neste seculo famoso das luzes, persiste o mysterio, permanece muda a sciencia, já agora de Pasteur, de Hanneman, de Charcot e Oswaldo Cruz.

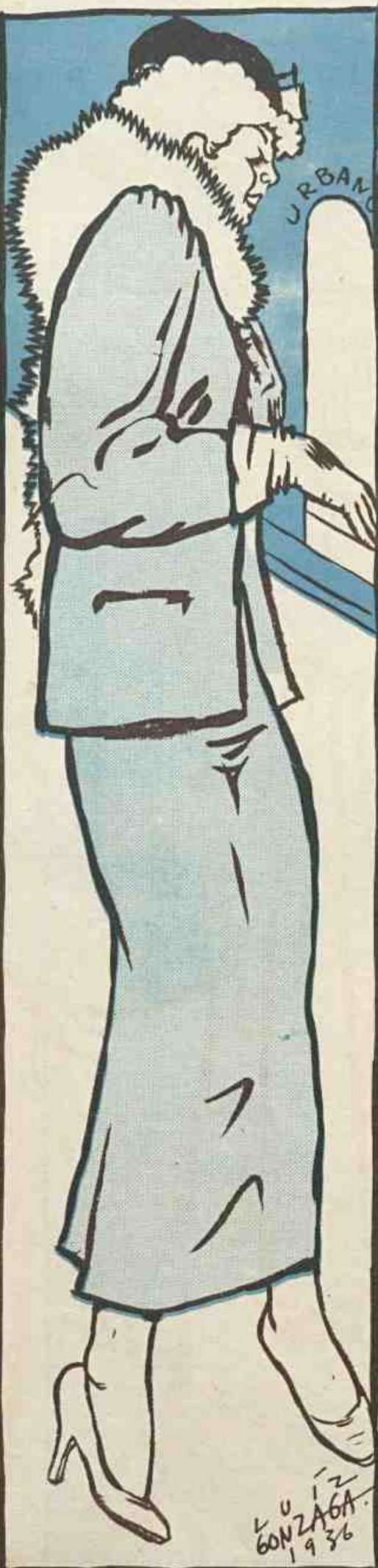
Deus, na sua omnipotencia, na sua omnisciencia, ri, ás vezes, das pretenções liliputianas dos pobres mortaes presumpçosos! O sangue de São Januario, liquefazendo-se, num dia certo, na presença de milhares de pessoas de todas as classes, de todas castas, mesmo de todas as crenças, é, neste seculo avançado, um destes prodigios, que estão acima de toda a concepção humana.

Neste mez, precisamente a 2 de Maio, o facto se realisou com o mesmo pasmo. Este anno, porém, assumiu proporções mais amplas o milagre. E' que a Italia está em guerra e, talvez, ás vesperas de grandes surpresas. Pela sua missão historica, está a poderosa nação predestinada a proclamar *Urbi et Orbi*, como no tempo dos Cesares, a palavra de ordem universal: guerra aos inimigos da humanidade, aos adversarios do progresso espiritual dos povos, aos perturbadores da paz universal — os discipulos de Lenine, os communistas.

A patria de São Januario e de innumeros heróes ficará sempre na vanguarda das grandes causas. Todas essas aprehensões, mais do que isso, todas essas formosas esperanças constituiram este anno um verdadeiro acontecimento para o povo italiano, no dia do seu santo mais popular.

E' que uma tradição multisecular liga a sorte da poderosa nação do Lacio ao milagre perenne da liquefação do sangue mysterioso do martyr. Costumam dizer: "Vedere Napoli, poi morir". Mas a maravilha de Napoles não é o scenario, não é o relevo geographico incomparavel de cidade luminosa. A meu sentir, o milagre de São Januario para Napoles e para o mundo é o verdadeiro prodigio — *Eco-là meraviglia !*

ASSIS MEMORIA

Abyssinia
Luiz Peixoto
Byssina ! Byssina !
Byssina dos tempo
Do reis Salamão !
D'um reis poderoso,
Que andava na côrte
Sem essas besteira
De andá de botina !
D'um reis camarada
Que inté nos banquete
Comia c'a mão !
Byssina ! Byssina
Das mãe do terreiro,
Das bá, das mucama
Que bota umas herva
Cheirosa nas cama,
Nas cama branquinha
Das suas Sinhá !
Byssina dos nêgo
Que geme no rêio....
Byssina dos nêgo
Que nasce p'ra escravo
E vão para a feira
P'ros branco comprá !
Byssina dos tronco,
Das nêga cambinda
Que tão nas senzala
C'o fio no collo
P'ra dá de mamá....
Byssina das reza
Que cura as malêta,
Que só as mãe preta
Que sabe rezá !
Byssina pretinha,
Dos dente branquinho
Se rindo p'ra gente,
Dizendo p'ra gente:
— Abença, yôyô !...
— Abença, yáyá !...
Queimando umas herva
De Santa Maria...
Vancê se parece,
Vancê é iguarzinha
A' sua irmãsinha,
Byssina, a Bahia !
Aquella Bahia
Que tem "vatapá"...
Bahia do samba,
Do samba e batuque,
Que só mêmo os preto
Que sabe sambá !
Byssina pretinha,
Num bóta botina,
Nem roupa de parno !
Num deixa intaizno
Te civirisá !
Bonecos de Théo

Uma historia de amor de hoje é uma historia rapida como um telegramma. As longas cartas sentimentaes de um Balzac são substituidas por esses despachos concisos em que cada palavra é insubstituivel e em que todas as virgulas são dispensaveis. O proprio Mérimée que levou trinta annos de amor e de correspondencia com a mysteriosa "inconnue" e que tinha um estylo breve e que dizia muita coisa em poucas palavras — e assim mesmo levou trinta annos dizendo essas coisas — ficaria espantado com essa correspondencia amorosa que eu procurarei reproduzir.

O balcão de Julietta é hoje o telephone publico ou o Telegrapho Nacional — 400 réis até cinco minutos ou dez tostões até vinte palavras.

Os meus personagens aqui presentes amam-se pelo Telegrapho Nacional. Só para dar prejuizo á Light...

Que são elles? Dois amantes? Ninguem sabe. Elles proprios talvez não o saibam...

Elle para ella:

Obrigado ao luar e a você pela maior noite da minha vida!

Ella para elle:

Agradeça apenas á sua imaginação e á minha fraqueza.

Elle para ella:

O mundo é pequeno demais para a minha felicidade.

Ella para elle:

A minha felicidade é você, mas tambem é aquelle chapéosinho que vimos outro dia.

Elle para ella:

Mando-te o chapéosinho que Paris dedicou á cabeça mais bonita do Rio de Janeiro.

Ella para elle:

Você podia ter vindo com o chapéo. Por que não veiu?

Elle para ella:

Quem é aquelle homem de oculos que passou com você hontem pela Avenida ?

Ella para elle:

Eu não conheço nenhum homem de oculos nem passo nunca pela Avenida. Ciumes ?

Elle para ella:

Eu só tenho ciumes de mim mesmo. Ninguem póde gostar de

TELEGRAFICO

você como eu gósto. Mas eu posso gostar ainda mais . . .

Ella para elle:

Você é um pretencioso que me faz pretenciosa.

Elle para ella:

Fumei muito hoje. E em todos os meus charutos você me apparecia, fugitiva como a fumaça, enchendo a minha cabeça de sonhos . . .

Ella para elle:

Eu não fugi como a fumaça de seus charutos. Estou cada vez mais perto de você...

Elle para ella:

Mesmo longe de mim você é todo o meu encanto e todo o meu orgulho.

Ella para elle:

O meu orgulho é muito maior quando eu tenho você perto de mim . . .

Elle para ella:

O tempo passa mas o amor não diminue. Os dias, a distancia e as saudades fortalecem-no de uma grandeza nova.

Ella não responde. Algumas semanas depois:

Ella para elle:

Não sei quem disse que é doloroso a gente viver eternamente á procura de alguem. Mas muito mais doloroso ainda é a gente ter encontrado e depois ter que deixar . . .

Silencio nas linhas telegraphicas. Passam-se seis mezes.

No dia seu casamento, **Ella** recebe o ultimo telegramma. O telegramma é para **Ella** e o marido — póde muito bem ser o homem de oculos da Avenida...

Elle para ella:

Queira acceitar feliz casal os meus melhores votos. São os votos de um solteirão melancolico que avalia o que póde ser a felicidade pelo que elle não tem . . .

E aqui termina a historia sentimental e telegraphica, talvez só por causa dos chapéosinhos que Paris manda para todas as cabeças mais bonitas do Rio de Janeiro . . .

BENJAMIM COSTALLAT

O SOL E A LUA

Berilo Neves

O sol e a lua são como marido e mulher depois de alguns annos de casados: andam, sempre, em hemispherios diversos... Quando, por acaso, os dois apparecem do mesmo lado, a lua está tão palida que parece ter sido apanhada em flagrante conversando com algum cometa vagabundo...

—:o:—

O sol é o homem. A mulher é a lua. Emquanto um alimenta e embelleza o Mundo, a outra protege os ladrões e os namorados nocturnos...

—:o:—

O sol anda pelos campos aloirando as searas, e fecundando os valles, fundindo os gelos, aquecendo a casa dos pobres, espantando os ratos, morcegos e todos os animaes damninhos que só trabalham sob o manto suspeito da sombra. O sol é o mais universal dos policiaes. Emquanto isso, a lua, do outro lado, espia pelo buraco das fechaduras, fabrica fantasmas nas estradas, mette medo aos gatos pacificos nos telhados, enche de imagens a cabeça dos namorados e pisca o olho aos pastores nos campos e ás sentinelas nos quarteis.

—:o:—

O sol e a lua casaram-se, um dia, em presença de todos os astros do Universo, tendo como madrinha o mais pobre dos planetas — a Terra. Mas, um dia, a lua, como toda mulher que se presa, amanheceu "enluada", com o genio azedo e a saia virada do avesso. O sol para evitar escandalos inter-planetarios, divorciou-se da mulher, que se tornou, desde então, satellite vagabundo e somnambulo... Desde esse dia, nunca mais houve dia de sol que não fosse bonito — e noite de luar que não convidasse a gente a fazer uma bobagem...

Os planetas são os adoradores silenciosos da lua. Marte, Jupiter, Saturno são candidatos á mão branca da divorciada celestial. Mas a lua não quer saber de planetas: sabe que nenhum delles têm luz propria, como a Light...

—:o:—

O sol preside ao trabalho. A lua commanda a vagabundagem universal. O sol é regular como um homem de bem; a lua, doudivana como uma viuva rica em terra extranha... O sol deita-se cedo e accorda cedo e quando, por acaso, surge mais tarde — é porque alguma nuvem abellhuda se interpoz entre elle e a Terra, ou em consequencia da marcha desta em torno delle.

—:o:—

A lua... Passa dias e dias sem apparecer e, quando surge, traz, sempre, o aspecto de quem dormiu mal ou bebeu demais...

—:o:—

Quando o sol nasce, tambem nasce a musica fecunda das fabricas, e o rumor dos vehiculos, e o vozear das gentes na agitação febril da riqueza. Os vermes escondem-se, os ladrões, tambem. Os microbios ficam indignados — e a Policia, a Medicina, a Segurança Publica rejubilam...

—:o:—

Quando a lua nasce, os cães começam a latir, os namorados a suspirar, e os malfeitores a metter o nariz na propriedade alheia. A lua é a grande alliada de 95% das sem-vergonhices nocturnas que se fazem neste mundo.

—:o:—

A lua é irmã gemea da cachaça, das serenatas lyricas com violão e sem grammatica... Com a lua, os homens gastam o dinheiro que o sol lhes deu a ganhar — e o minimo que acontece é ficarem algumas cabeças partidas neste mundo sub-lunar...

—:o:—

Ha muita gente por ahi que brilha como a luz da lua: por reflexo...

—:o:—

O sol não faz mal a ninguem — a não ser a algumas creaturas que o tomam, na praia e se esquecem de o receber, tambem, na alma... A insolação é cousa que só acontece aos demasiado calvos. Emquanto isso, ha muita gente "aluada" no hospicio e fóra delle...

Ha planetas mortos, que rolam no espaço como corpos sem alma... E ha astros que vivem illuminando os planetas e accendendo, no Universo, a chamma forte da Vida... Sem a luz dos astros, o ventre dos planetas seria infecundo e inerte. E' por isso que os planetas rolam no Espaço — como damas **casadouras** num salão de baile — á procura dos "astros"...

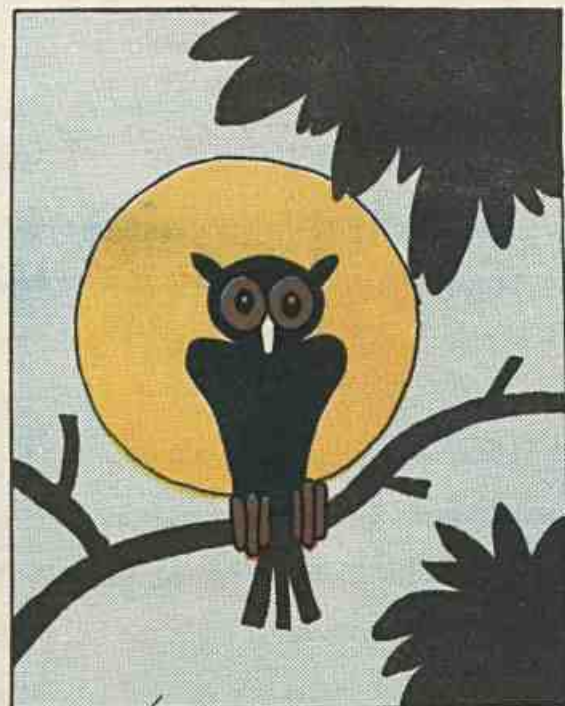
—:o:—

O luar é uma luz morta, uma luz fingida, embalsamada. Está para a verdadeira luz asism como o som do radio para o som primitivo...

—:o:—

A lua vive da esmola de luz que o sol lhe manda para que não morra de frio... Entretanto, na Terra (que tambem vive de esmolas) ha muita gente que acha a lua mais bonita do que o sol. Na vida, tambem é assim: os vagabundos romanticos são mais admirados do que os homens honestos, cansados de trabalhar...

—:o:—

A mulher e a lua, quando nos mostram a cara toda é porque estão em vesperas de nos apparecer de meia cara... O genio das damas é como o genio da lua: variavel e incerto, feito de crescentes deliciosos e de minguantes estupidos, de quartos, phases e mudanças que mexem com as marés, com os malucos e com os nervos dos homens mais calmos deste mundo...

UM NAUFRAGIO SEM CONSEQUENCIAS

O assumpto do dia, principalmente nas rodas literarias, é, incontestavelmente, o interessantissimo "Concurso do Naufragio" promovido por este semanario.

O prélio continúa renhidissimo e o resultado da quarta apuração que apresentamos na pagina seguinte, diz bem do interesse que o certamen está dispertando entre os leitores d'O MALHO.

O "Concurso do Naufragio" é um espirituoso plebiscito que visa eleger os tres poetas vivos do Brasil que reunem maior numero de admiradores e sympathizantes. Para isso O MALHO simulou um terrivel naufragio, no qual ficaram, em perigo de vida os mais conhecidos vates do paiz e imaginou que cada leitor, num pequeno bote de pesca, só pudesse salvar do afogamento imminente 3 desses versejadores, formulando então a pergunta: *Si estivesse no bote, quaes os tres vates que escolheria para salvar do naufragio?*

Os votos serão recebedios até o dia 10 de Agosto vindouro e depois desse prazo será marcada a data da apuração final, que será feita publicamente.

Constatados quaes os tres poetas salvos pelo maior numero de votos obtidos, a cada um desses O MALHO abrirá um credito de 500$000 na Livraria Freitas Bastos, para acquisição de livros á sua escolha.

O MALHO NÃO TEM CANDIDATOS

Para evitar má interpretação, frisamos aqui que O MALHO não tem preferencias nem candidatos, sendo que as caricaturas que nesta pagina apparecem, têm simplesmente o fim de illustral-a, e não de suggestionar os leitores.

Os votos só são apurados quando remettidos em enveloppe fechado, com o endereço: "Concurso do Naufragio" — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

As cedulas até hoje apuradas estão em nossa redacção á disposição de qualquer leitor ou candidato, para verificação.

A proposito do "Concurso do Naufragio", recebemos dos poetas Augusto Amado e Paulo Gustavo humoristicos versos que aqui transcrevemos com o maior prazer:

Oswaldo,
Penso que tua intenção,
no embarcar
os poétas,
é tentar
a prebenda
da valorização
da poesia nacional
e dos esthétas,
pelo prócesso
genial
do Ministro da Fazenda
e de outros "bambas"
das finanças-"moambas"
da Nação,
que têm idéas economicas
muito comicas
no pé...
e consiste em jogar,
de cambulhada,
n'agua salgada,
como saccas de café,
poétas no mar...

Segundo ordenas,
da geração
excessiva de Orpheus
salvar-se-ão tres magnatas,
sómente
e apenas...

Ora pipocas!
O' meu Deus!
para que tanta gente
na criação
de minhocas
e plantação
de batatas!

Entre os viajantes
do paquete,
lá estou eu, no meio
de um dos feixes
de navegantes
em "recreio"
que, sem salvação,
servirão
de sorvete
aos peixes...

Dizer-te, Oswaldo amigo,
é opportuno,
que eu não naufragarei
nem morrerei;
não ha perigo:

— no mar bravo, sou Neptuno!

E, não te conto,
sem escaphandro,
mergulho e nado
como Leandro
apaixonado
no Hellesponto...

E, para me salvar,
dispenso e até regeito
o soccorro de alguem,
o bote e o salva-vidas;
terei, pois, o direito
ao primeiro logar
e ás "comidas",
tambem,
no concurso d'O MALHO,

pela simples razão
de, sem mover o dó
de qualquer coração,
poder eu me safar,
sem o menor trabalho,
do tremendo naufragio
sem o auxilio de ninguem,
— extra-suffragio,
por mim só,
a nado.

AUGUSTO AMADO

UM NAUFRAGIO... COM... CEM CONSEQUENCIAS

Para o Oswaldo Souza e Silva

Atirou-nos você n'agua
Num naufragio de poesia.
Mas eu não lhe guardo magoa...
Exceptuar-nos não podia.

A conta, porém, que fez,
Dos botes a lotação,
Cada um salvando tres
Dos poetas, magros ou não,

Na certa, estará errada
Si um dos salvos fôr gorducho.
Olha a canôa virada
E dos peixes cheio o bucho!

Si nadarem, seu Oswaldo,
Que susto inda assim passavam,
Levando de novo um caldo
Quando salvos se julgavam!

Talvez que nenhum leitor
D'O MALHO venha a salvar-me,
Que os botes passem á flor
D'agua do mar sem ligar-me.

Mas não creia, não, "seu" Souza
E Silva, que vou morrer.
Talvez succeda uma cousa:
Um pouco d'agua eu beber.

Gente do mar não se afóga,
Sobretudo em ilhas "razas".
Em mar calmo, nada ou vóga,
E si elle encrespa, abre as azas.

Não é negocio, afinal,
Morrer assim, virar anjo,
Neste naufragio com "sal"
Em que só morre marmanjo.

Dizem que é "sem consequencias",
Mas "sei lá si é", meu amigo.
Pois, nesta triste existencia,
Tudo tem o seu perigo.

PAULO GUSTAVO

Flamengo.
Outomno — 1936.

QUARTA APURAÇÃO

E' o seguinte o resultado das tentativas de salvamento até agora effectuadas:

1º) Olegario Marianno	**191**	**votos**
2º) Adelmar Tavares	**121**	"
3º) Menotti del Picchia	**113**	"
Guilherme de Almeida	111	"
Alberto de Oliveira	105	"
Martins Fontes	97	"
Attilio Milano	92	"
Belmiro Braga	91	"
Oswaldo Santiago	84	"
Murillo Araujo	64	"
Eustorgio Wanderley	60	"
Cassiano Ricardo	58	"
Luiz Peixoto	50	"
Bastos Tigre	39	"
Augusto de Lima Junior	38	"
Catullo Cearense	38	"
Paulo Gustavo	38	"
J. G. Araujo Jorge	31	"
Raul Bopp	30	"
A. J. Pereira da Silva	24	"
Leoncio Correia	23	"
Galvão de Queiroz	23	"
Altamirando Requião	21	"
Zeferino Brasil	20	"
Dante Milano	19	"
Clovis Monteiro	18	"
Raul Machado	18	"
Leão de Vasconcellos	17	"
Cleomenes Campos	17	"
Affonso Celso	16	"
Lobivar Mattos	16	"
Vargas Netto	15	"
João Guimarães	15	"
Paulo Gama	14	"
Tasso da Silveira	14	"

Obtiveram 13 votos:

Horacio Cartier — Telles de Meirelles — Theoderic de Almeida.

Obtiveram 12 votos:

Carlos Dias Fernandes — Darcy T. Monteiro — Filinto de Almeida — Modesto de Abreu — Nilo Bruzzi — Passos Cabral e Ribeiro Couto.

Obtiveram 11 votos:

Goulart de Andrade e Pe. Antonio Thomaz.

Obtiveram 10 votos:

Carlos Maúl — Osorio Dutra e Prado Maia.

Obtiveram 9 votos:

Luiz Guimarães Junior e Vinicius Meyer.

Obtiveram 8 votos:

Da Costa e Silva — Julio Cesar da Silva e Padua de Almeida.

Obtiveram 7 votos:

Jonathas Serrano — Luiz Edmundo — Murillo Mendes e Paula Barros.

Obtiveram 6 votos:

Bastos Portella — Coelho da Costa — Caio de Mello Franco — Haroldo Daltro — Nobrega de Siqueira — Orestes Barbosa — Renato Travassos — Silveira Netto e Sebastião Fernandes.

Obtiveram 5 votos:

Alvaro Armando — Alberto Ramos — Affonso de Carvalho — Ary Pavão — Alvaro Moreyra — Aloysio de Castro — D. Aquino Corrêa — Cesar Borba — Esdras Farias — Jorge de Lima — Leal de Souza — Luiz Martins — Lindolpho Gomes — Mario de Andrade — Oliveira Ribeiro Netto — Oswaldo Orico e Petrarcha Maranhão.

Obtiveram 4 votos:

Augusto Meyer — Carlos Magalhães de Azeredo — Corrêa Junior — Cyro Costa — Julio Salusse — Onestaldo de Pennaforte — Orlando Pennaforte — Prado Kelly — Saboia Ribeiro e Sylvio Julio.

Obtiveram 3 votos:

Agrippino Griecco — Ascenço Ferreira — Affonso Schmidt — Augusto F. Schmidt — Basilio Magalhães — Benedicto Lopes — Carlos Drummond de Andrade — Carlos Chiachio — Celso Pinheiro — Gilberto Amado — Heitor Lima — Oliveira e Silva — Rocha Ferreira — Sabino de Campos e Vinicius de Moraes.

Obtiveram 2 votos:

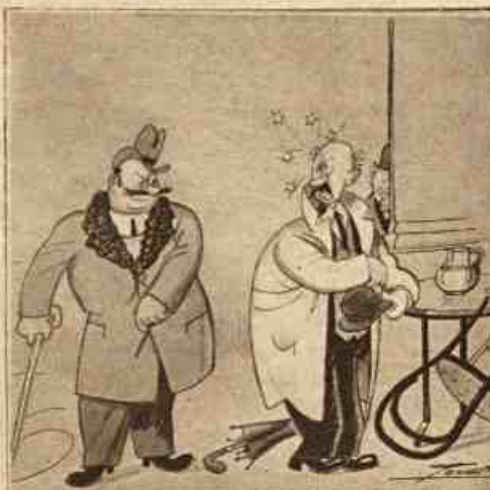
Arthur de Salles — Alfredo Cumplido de Sant'Anna — Austro Costa — Carvalho Filho — Costa Rego Junior — Dario Velloso — Eduardo Tourinho — Eugenio Gomes — Honorio Harmond — Ildefonso Falcão — José Oiticica — Mucio Leão — Odilon Negrão — D. Silverio Pimenta — Theodomiro Tostes — Urquiza Valença — Valença Leal e Virgilio Brigido Filho.

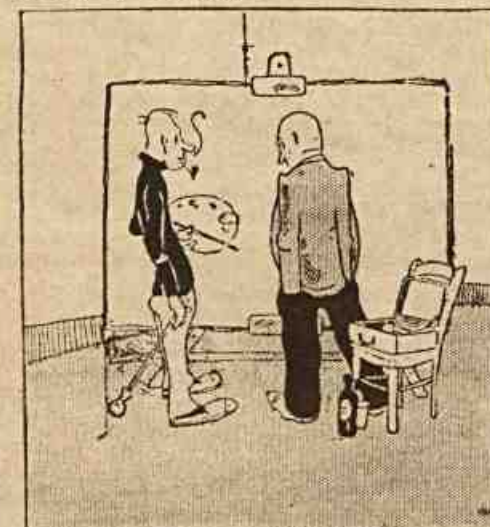
Obtiveram 1 voto:

Affonso Lopes de Almeida — Abgar Renauld — Affonso Arinos Sobrinho — Alvaro Bomilcar — Arnaldo D. Vieira — Antonio Salles — Augusto Amado — Araujo Filho — Alberto Nunes — Arthur Ramos — Berilo Neves — Castello Branco de Almeida — Carlindo Lellis — Dunshe de Abranches — Durval de Moraes — Edmundo Moniz — Euclydes Bandeira — Francisco Campos — Gervasio Fioravanti — Gustavo Teixeira — Gustavo Barroso — Homero Prates — Horacio M. Canellas — Lobo da Costa — Laurindo de Britto — Mario Peixoto — Monteiro Lobato — Martins Napoleão — Mario Peixoto — Nosor Sanches — Nuto Santanna — Oswaldo de Andrade — Oscar Lopes — Pedro Vergara — Pereira Reis Jr. — Paulo Setubal — Raul Pederneiras — Reis Carvalho — Roberto Gil e Solfieri de Albuquerque.

Cedula que deverá ser preenchida pelo eleitor e remettida em enveloppe fechado para a nossa redacção, á Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

HUMORISMO ALHEIO

— Vês? Si eu não chego tão depressa, já ias pegando no somno sem tomar o remedio contra a insomnia!

O da esquerda — O sr. não enxerga?

O da direita — Tanto enxergo, que estou vendo estrellas!

RECORDS

— Você, um miniaturista, pintando um quadro deste tamanho?!

— Que queres? Um norte-americano encommendou... Diz que quer possuir a miniatura maior do mundo...

TRADIÇOES QUE VÃO MORRENDO

OS CARRILHÕES DA METROPOLE

O progresso foi pouco a pouco afugentando as tradições da cidade. Costumes populares que só se justificavam na metropole atrazada e inculta foram desapparecendo, de alguns só nos restando resquicios e lembranças.

O entrudo, as romarias da Penha, as festas da Gloria, a capoeiragem, os kiosques, os festejos de S. João e de Natal, os oratorios de pedra nas esquinas das velhas casas coloniaes, os mestres de reza, as vias-sacras de Bom Jesus, os barbeiros ambulantes, a procissão dos ourives, com as *bahianas* dansando á frente, as festas do Espirito Santo nas quaes se cantava:

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
muito vinho e muito pão,

as "mulheres de mantilhas", as sete badaladas de sino annunciando uma parturiente em perigo, o viatico, e outros — constituem dezenas de costumes e tradições cariocas que quasi não existem mais.

O povo não lhes sente a falta, conhecendo-as atravez da historia escripta.

Entre as tradições quasi mortas de quando a cidade ainda não era maravilhosa, figura a dos orgãos dos sinos, os carrilhões que do alto das Torres desfloravam harmonias no ar claro das manhãs e na poesia dourada dos entardeceres. E orgãos de sinos, como em todos os paizes, têm aqui tambem a sua historia que as lendas eternizam.

OS SINOS DE IGUATEMY

Revive-se a historia dos sinos de Iguatemy, ou 1777, quando era forçada a entregar-se a gentes de outras terras. Agostinho de Pinedo resistira aos Regentes, concedendo-lhes tudo da egreja menos os sinos — um dos quaes pesava umas quinze arrobas e media mais de um covado de bocca", para todos serem coados na fundição. de pedreiros e roqueiros. Doado por D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, era uma reliquia, segundo Alberto Rangel, das entradas mais audaciosas do sertão do Brasil e tinha sido salvo dos exterminios de Guahyrá.

Sonegado ao inimigo, o sino foi convenientemente escondido numa barcada de bagagens, carne salpresa e toucinho curado.

Dezeseis annos depois, o Reverendo Louzada, excapellão da Igreja do Iguatemy, continuava na prisão da casa forte da fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande de Santos "por haver assignado como Regente a capitulação daquelle encaiporado arraial, cujo estabelecimento foi menos um erro administrativo que um grande logro estrategico".

Mais de uma vez recorreu ao perdão da Rainha, inutilmente. Continuava no ergastulo lobrego, victima de uma syndicancia ignobil.

Um dia rompe, subito, do seio da prisão, a voz de um sino. O Reverendo levanta-se. Que dirá essa voz de sino que elle bem conhece? Bôas, más noticias?

Logo lhe trazem a noticia do perdão da Rainha. O sino annunciara a sua liberdade. "O bronze de Guahyrá, escapo de Iguatemy, annunciava ao seu salvador, o perdão da Rainha".

Torres da Egreja de S. José, onde o tradicional Carrilhão ainda ha pouco se fez ouvir, no 1º dia do anno, tocando o "Hymno Nacional".

OS SINOS DE OURO

No norte, a historia evoca uns sinos de ouro. Quando os hollandezes em 1635 occuparam Paripueira, hoje cidade de alagoana, encontraram a ermida de S. Gonçalo, pertencente aos religiosos do Carmo.

Ao derruir a egreja, "os capitães bátavas ficaram deslumbradas com os sinos, que eram de ouro, conta-nos Mario dos Vanderlei.

— Que faremos desses trambolhos? teria perguntado Van Ceulen.

— Enviaremos aos museus de Amsterdam! teria respondido Gaspar van der ley

Foram logo desmontados e guardados entre o "municiamento das canhoeiras e trabuquetes".

Partindo ás pressas para Recife, a chamado de Van Shopp, os hollandezes partiram afobadamente, deixando os sinos de ouro, atirando-os em meio do rio Saúassuhy. Porque pensavam voltar ainda. Terminada a campanha, voltaram. Emprehenderam, então uma luta tremenda para a reconquista dos sinos de ouro.

Afim, presos a correntes de bronze e puxados a juntas de bois, surgiram á tona, "espelharam de novo ao sol equatorial", badalaram triumphalmente. Mas as correntes se quebraram e os sinos dourados voltaram ao seio escuro do rio, falhando todas as tentativas para retiral-os de lá.

Ficaram no fundo das aguas. E ainda hoje, viandantes ha que dizem ter ouvido os sinos de ouro badalando alleluias sob as aguas immoveis do Sauassuhy.

A Egreja da Penha, no alto do seu rochedo, onde ainda tem logar, cada anno, uma romaria tradicional.

OS CARRILHÕES

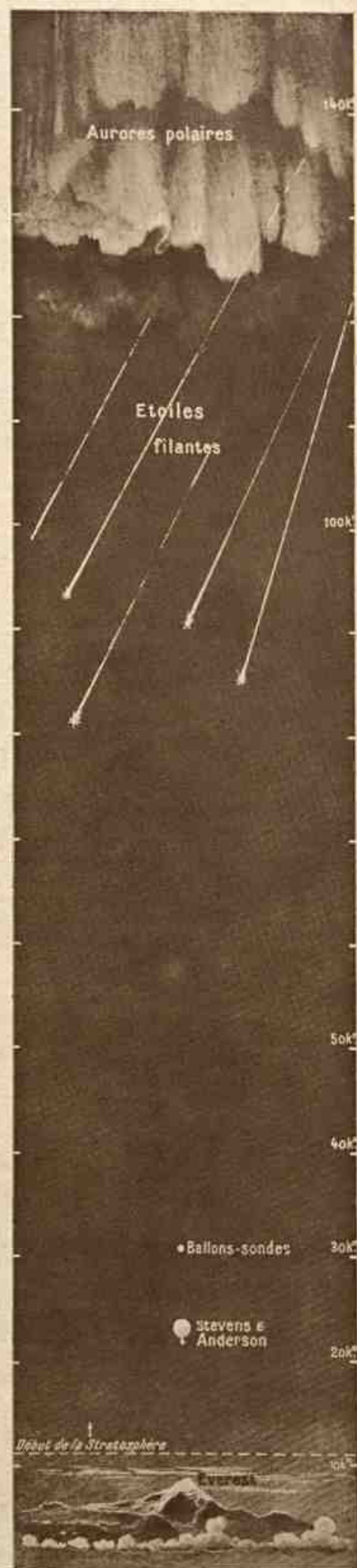
Os carrilhões, orgãos dos sinos, se não possuem historia, possuem tradição. E', no Rio, uma tradição que desapparece. Elles acompanharam o rythmo da cidade, vibrando nos campanarios altos da metropole, festivamente espalhando musicas de operas em voga. E era um doce prazer ouvir-se as notas musicaes, esflorando-se no ar, espalhando-se no ar.

Hoje, são poucos os carrilhões que soam. Poucas as mãos ageis dos sineiros-musicos. Só de raro em raro, a cidade ouve a voz harmoniosa dos seus carrilhões. E como uma voz do passado, os ouve em trechos de musica antiga, de velhas operas esquecidas, recuadas do nosso tempo, porque quem o toca já não é sensivel ás cousas modernas da nossa época, vivendo de recordações que a musica de outrora avivam. Das nossas igresjas parece que só a Lapa dos Mercadores, a de S. José, a Sallete, a Penha e a Immaculada Conceição, têm carrilhões que nos lembram uma tradição que desapparece, com os sineiros-tocadores.

Os carrilhões irão assim emmudecendo, como os sinos. Morrendo no silencio dos campanarios. E a cidade perdendo o encanto das tradições que o progresso e o tempo perpetuarão na historia.

Etapas principaes da exploração aerea na troposphera e na stratosphera. Tanto nesta como na gravura da direita vê-se que o limite entre essas duas regiões da atmosphera está na altura de 11 mil metros.

NA STRATOSPHERA

INICIADAS em 1931 com o professor Piccard, belga, as ascenções á stratosphera tornaram-se desde logo objecto de grande interesse do mundo scientifico, em virtude dos novos campos que se abriam a pesquisas e experiencias varias. Era por isso natural que o emprehendimento de Piccard tivesse os seus continuadores e, assim, as altas regiões da atmosphera terrestre foram successivamente visitadas por novas escaladas audaciosas, sendo a ultima em data realizada pelos capitães norte-americanos Stevens e Anderson, que, pilotando o balão *Explorer II*, attingiram a altitude de 22.500 metros, batendo todos os *records* precedentemente estabelecidos na stratosphera. Devemos recordar aqui que a ascenção do balão sovietico *Ossoviakin I* teve um desfecho tragico, não se podendo assim saber a altura exactamente por elle alcançada. Até 1931, data da subida do professor Piccard, os exploradores aereos nunca haviam sahido da *troposphera*, como se denomina a camada inferior da atmosphera, onde se produzem as vicissitudes meteorologicas e onde é possivel respirar-se livremente (isto é, sem auxilio de meios artificiaes) até á metade da sua espessura, digamos, até a altitude de 5.000 metros mais ou menos. As viagens aereas com fins scientificos não são de hoje: datam de 1803, com balões cheios a hydrogenio. A primeira foi effectuada nesse anno pelo physico flamengo Robertson, mas ignora-se a altura attingida. Em 1804, porém, Gay-Lussac, elevou-se a 7.016 metros. Além de estudos importantes, observou elle que em taes alturas a sua respiração bem como a sua circulação se acceleravam devido á grande rarefação do ar. Não foi senão o resultado desse phenomeno de rarefacção que assignalou a ascenção effectuada em 1875 por tres francezes — Crocé-Spinelli, Sivel e Gaston Tissandier — na qual os dois primeiros sucumbiram, quando se encontravam a 8.000 metros de altura, escapando o ultimo por verdadeiro milagre. Para além desse limite, as difficuldades se accumulam rapidamente, aggravadas pelo frio de 50 a 60 graus que reina constantemente nessas elevadas regiões. Esse facto foi, depois, perfeitamente estudado por meio dos balões-sonda postos em pratica pela primeira vez em 1902. Esses pequenos balões, não tripulados e que levam apenas apparelhos registradores, attingem a altura de 30 kilometros e trazem informações preciosas. Mas como nada se equipara á observação directa, *in-loco*, e entrando em jogo o espirito desportivo, era evidente que o homem tudo faria para subir sempre mais alto. Assim, com as lições da experiencia e os progressos da aeronautica novas etapas foram sendo vencidas. Em 1900 o balão Berson elevou-se a 10.800 metros. Mas isso era apenas o limiar da stratosphera que segundo o que está officialmente estabelecido só começa a partir de 11.000 metros. Esse limite foi pela primeira vez transposto pelos aviadores Lemoine, francez, e Donati, italiano, que chegaram respectivamente a 13.661 e 14.433 metros. Mas isso era apenas sport e, portanto, sem maior importancia para os resultados que a sciencia devia colher. Demais o simples avião não permittiria o que foi conseguido pelos balões, preparados como verdadeiros laboratorios para estudos no seio da stratosphera. Foi o que realizou o professor Piccard em Maio de 1931, que na sua barquinha espherica e hermeticamente fechada conseguiu librar-se a 15.781 metros acima dos seus semelhantes. Em seguida a elle vieram em 1933 os norte-americanos Settle e Fordney, que alcançaram 19 mil e tantos metros e o russo Prokofiev, que chegou a quasi 18.000 metros; em 1934 o norte-americano Cosyns, com pouco menos de 17.000, e, finalmente, Stevens e Anderson, acima referido, e que até agora detêm o record *stratosphero*. Com as observações decorrentes dessas ascenções, já se chegou a uma conclusão de enorme importancia pratica para o problema de navegação aerea, e que consiste nas condições excepcionalmente vantajosas que a stratosphera offerece aos aviões, não só pela pouca densidade do meio que permitte levar a limites extremos a velocidade como pela ausencia dos phenomenos meteorologicos-tempestades, nevoeiros etc.—que tanto perturbam a navegação nos ares inçando-a dos mais graves riscos.

Alturas attingidas na atmosphera com relação ás regiões em que se produzem os phenomenos das auroras e das estrellas cadentes.

Em 7 Dias...

● O ministro da Instrucção do Reich, Sr. Rust, approvou o projecto de uma viagem das "Juventudes" allemãs aos Estados Unidos, para visitarem New York, Washington e outras cidades importantes.

● O governo do Estado de Pernambuco resolveu que serão realisadas varias commemorações, com caracter official, da proxima passagem do tri-centenario da chegada de Mauricio de Nassau ao Brasil.

● Ficou devidamente esclarecido, graças á attitude brava e decidida dos orgãos de imprensa locaes e da A. B. I., a questão de interpretação do artigo da Constituição que se refere á isenção dos jornalistas do pagamento do imposto sobre a renda: tanto os profissionaes da imprensa como os escriptores e professores estão isentos daquelle imposto.

● A municipalidade de Ribeirão Preto, S. Paulo, resolveu commemorar o 20° anniversario da 1ª viagem de automovel áquella cidade, da qual fez parte Santos Dumont. Será inaugurada uma placa de bronze allusiva ao facto, numa praça central da cidade.

● Tomou posse do cargo de director da Escola Naval o Contra-almirante Americo Vieira de Mello, que substitue o official-general de egual patente José Machado de Castro e Silva.

● Reuniu-se na "Casa de Ruy Barbosa" a commissão composta dos professores Antenor Nascentes, Souza da Silveira e padre Augusto Magne, encarregada pelo Ministerio da Educação de estudar as bases de um Formulario Orthographico Nacional.

● Como consequencia do Congresso de Academias de Letras ha pouco realisado nesta capital, foi resolvida a fundação da "Federação das Academias de Letras do Brasil", tendo sido nomeada uma commissão para elaborar o seu regulamento, da qual fazem parte os intellectuaes Benjamim Lima, Alvaro Bomilcar, Raul Monteiro, Waldemar Vasconcellos e José de Mesquita.

● Regressou dos Estados Unidos o Dr. Barros Barreto, director do D. N. de Saude Publica, que ali fôra representar o Brasil no 3° Congresso de Saude Publica.

● Por iniciativa da Cruzada Nacional de Educação, de que é presidente o Dr. Gustavo Armbrust, foram inauguradas mais de 400 escolas em todo o territorio nacional, no dia 13 de Maio.

● O ministro da Educação mandou que seja lavrado o contracto com a firma Dahne, Conceição & Cia., para o augmento do abastecimento de agua á cidade.

● Falleceu em Buenos Aires o Sr. Antonio Móra y Araujo, ex-embaixador, nesta capital, durante alguns annos, do governo da Argentina. O extincto foi um dos mais esforçados trabalhadores em prol da maior approximação entre os povos do Brasil e do paiz amigo.

● Completou 30 annos de fundação e de actividade dedicada ao bem e ao progresso do povo paulista o popularissimo jornal "A Gazeta", que obedece á direcção brilhante de Casper Libero e Galeão Coutinho, duas figuras destacadas do jornalismo brasileiro.

● O Conde de Covadonga, ex-principe das Asturias, herdeiro do throno e corôa da Hespanha, empregou-se em uma fabrica de automoveis de Nova York.

● O governo federal da Bolivia foi deposto pelas forças do Exercito, sendo destituido da presidencia da Republica o Sr. Tejada Sorzano.

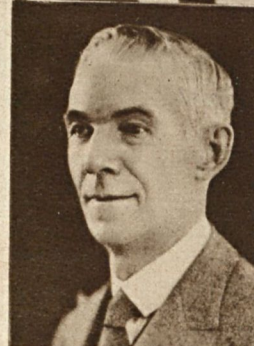
● Falleceu o Dr. Lacerda Franco, antigo parlamentar paulista, nome dos mais influentes no scenario politico nacional, antigo presidente do P. Republicano Paulista e actual director da Estrada de Ferro Paulista.

● Falleceu o ex-presidente do Conselho de Ministros da Grecia, Sr. Tsaldaris, figura de relevo na politica daquelle paiz.

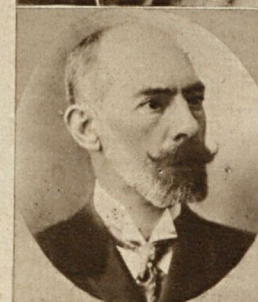
● O professor Neves Manta, que se especializou em assumptos de psychiatria, acaba de receber uma distincção especial ao seu talento, com a sua eleição para titular Estrangeiro da Academia Nacional de Medicina de Lima (Perú). O professor Neves Manta, que é uma figura de projecção nos circulos intellectuaes e scientificos do paiz, tambem faz parte, na qualidade de membro honorario, da Sociedade Argentina de Neurologia e Psychiatria.

Mauricio de Nassau

Santos Dumont

Benjamim Lima

Dr. Gustavo Armbrust

Casper Libero

Dr. Neves Manta

Dr. Lacerda Franco

O MUNDO

SALVOS DA MORTE — Dos tres homens que ficaram soterrados no desabe da mina de ouro situada ás margens do Moose (E. U.) dois conseguiram escapar á morte, fugindo por um enorme buraco, aberto expressamente para permittir-lhes a sahida.

EXCURSÃO SCIENTIFICA — O Sr. André Roosevelt, primo do Presidente dos Estados Unidos (no cliché) acha-se em viagem para a America do Sul. André vem proceder a investigações archeologicas na Amazonia, relativamente á descendencia dos Incas, cujos remanescentes pensa encontrar nas florestas do norte equatorial.

BANHISTAS VALENTES — As aguas do Ohio (E. U.) subiram assustadoramente, no mez de Abril. Mesmo assim, os banhos continuaram e muitos curiosos affluiram a Brookport para ver os mergulhos.

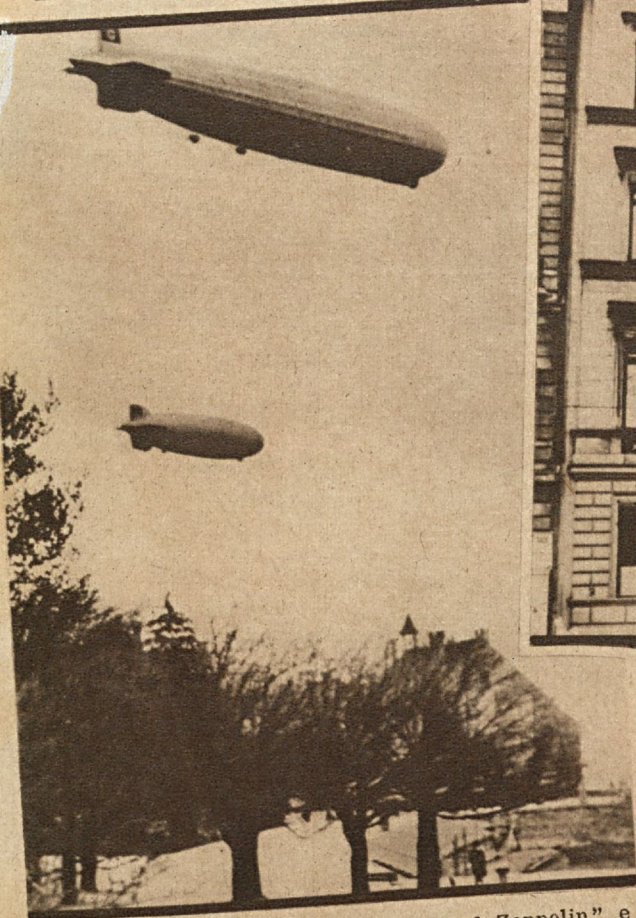
DURA LEX, SED LEX... — O representante do 1º Districto de Washington, o Sr. Marion Zioncheck, foi preso e multado em 45 dollars, por conduzir seu carro a uma velocidade não permittida pelo Regulamento da Inspectoria de Vehiculos.

GRÃO DE AREIA

O espirito inquieto de Fradique Mendes já lamentava, ha quasi 50 annos, a irremediavel pequenez da Terra. Já o Vapor approximava, nessa época, os continentes e, com elles, juntava os povos e diffundia as idéas. Em toda parte por onde se andasse sempre se haviam de encontrar os mesmos scenarios e os mesmos panoramas. Os europeus derramavam-se pelo Mundo, levando comsigo o Jornal, o Baralho, a carabina Winchester e o Chapéo-Coco... Na China, o rabicho era o ultimo vestigio de 6.000 annos de uma civilisação original e subtil... Na India, os descendentes dos Aryas envergavam a sobrecasaca do Sr. Casimir Perrier... No Japão, os ultimos sumurais vestiam *smocking* para as recepções na Legação Britannica... Na propria Africa, cheia de leões, ouvia-se o som roufenho dos gramophones e viam-se chefes pretos calçando horriveis botinas de elastico... Onde a originalidade, flôr da emoção? Onde o pittoresco, fonte de alegria esthetica?... Valeria a pena deixar o conforto dos *boulevards* parisienses ou o calor benefico dos *homes* londrinos para, ao fim de um mez de viagem no seio profundo de um "Royal Mail", ver as mesmas scenas, ouvir os mesmos rumores e sentir os mesmos cheiros?! Não. Decerto, não valia a pena. E se assim era ha meio seculo, que dizer deste Mundo seculo XX em que os aviões e dirigiveis juntam as cidades como se ellas fossem de tacos de madeira e se arrumassem num mesmo recanto de salão? Os antipodas abraçam-se através do Radio. Tokio e Rio de Janeiro dão-se "bom dia" e "boa noite" no mesmo ponto do circulo do apparelho de radio... Mandam-se, de Santiago para Berlim, orchideas, que lá chegam viçosas e frescas... Breve, teremos pela manhã, café com leite vindo, em 10 minutos, do Quartier Latin. A Terra é um grão de areia que se torna vulgar. Os Polos já não interessam a ninguem. O Amazonas já vae sendo um rio domestico. Os nossos olhos voltam-se para as estrellas longinquas. Os planetas sorriem, a milhões de leguas. Começamos a pensar em viagens nupciaes á Lua, em desfiles militares em Marte. Os joalheiros sonham com os anneis de Saturno. Os leões da Africa dão-nos bocejos enormes. A Humanidade precisa de aventuras. Deus, no Céo, olha para baixo — e manda reforçar as fechaduras do Paraiso. Quando a Humanidade boceja de tedio, o Infinito se enche de inquietações... Foi assim que Adão se perdeu...

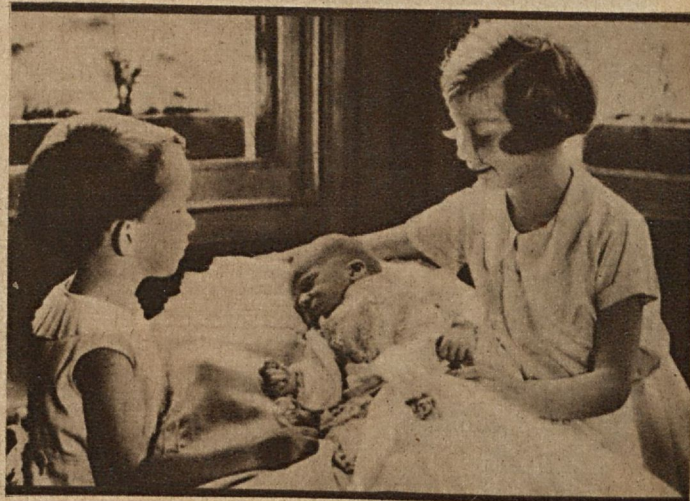
BERILO NEVES

Illustração de Luiz Gonzaga

EM REVISTA

ESPECTACULO INÉDITO — O "Graf Zeppelin" e o "Hindenburg" voaram juntos sobre Friedrichshafen. Desde 1918 que não se via um espectaculo egual, na Allemanha.

PHRASES QUE FICAM — Em muitos edificios importantes de Berlim foram vistos cartazes com inscripções patrioticas, aproveitadas dos discursos do Führer. As que sobresahem nesta photo traduzem-se assim: "Com Hitler, por uma patria honrada e livre!" e "Um povo, um Reich, um führer!"

ENFERMEIRA ANTES DE SER RAINHA — A princeza Maria José, irmã do rei dos Belgas e esposa do futuro rei da Italia, serviu como enfermeira da Cruz Vermelha italiana durante a campanha contra os Abyssynios.

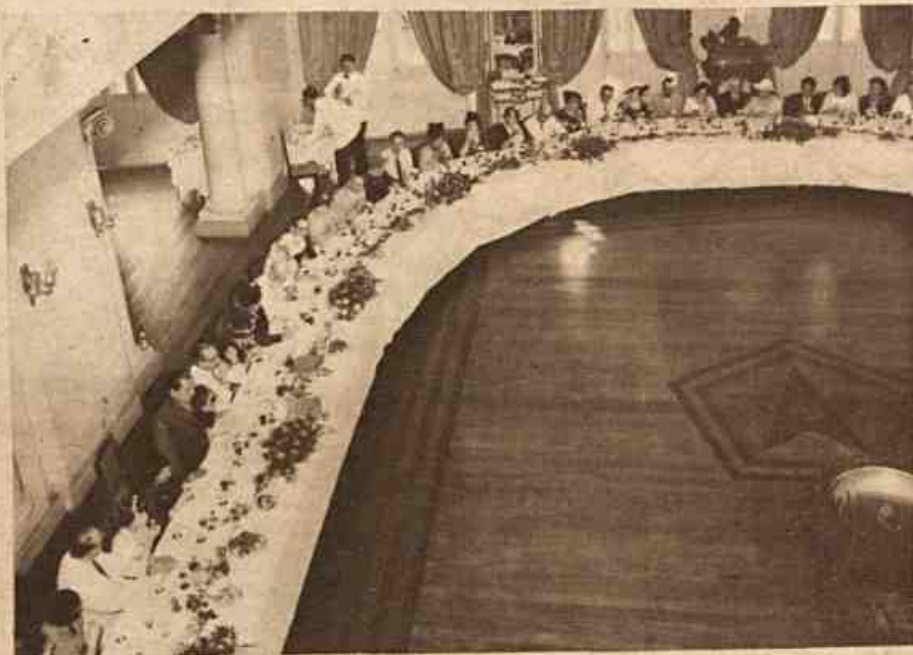
COMMEMORAÇÃO CIVICA — Em toda a Italia festejou-se solemnemente a passagem do 10.º anniversario dos Balillas. Em Roma, a ceremonia teve logar em frente ao Colyseu, constando de uma parada de Balillas.

GANGSTERS NA BELGICA — A Policia de Bruxellas prendeu o individuo Nicholas Elsen, por suspeitar que se trata do autor da carta em que se ameaçava raptar o principe Baudouin e a princeza Joséphine, filhos de Leopoldo III. Neste cliché Vêem-se Baudouin, Joséphine e Albert (este é o que está no berço.)

Um recanto pitoresco da cidade

(Photos Voltaire)

Campo de Sant'Anna, o parque encrustado no centro da cidade, oasis aberto ao carioca afanoso e apressado, guarda, nos seus recantos cheios de poesia e de sombra, onde animaes e aves bonitas passeiam em liberdade, um pouco de evocação historica, e suas aléas ensombradas e seus lagos artificiaes dão ao passante a sensação de bem estar de que seu espirito necessita.

ENLACE PINHEIRO NASCIMENTO — CÔRTES DE LACERDA

Aspecto tomado quando do enlace matrimonial da senhorinha Beatriz Pinheiro Nascimento, filha do Sr. Manoel Thomé do Nascimento, importante commerciante desta praça, e de sua esposa, D. Guiomar Pinheiro Nascimento, com o Dr. Romão Côrtes de Lacerda, Director da Imprensa Official do Estado de Minas.

HOMENAGEM AO DR. GERSON PAULA LIMA

Ao acatado clinico e presidente da Sociedade Scientifica Supermentalista Tattwa Nirmanakaia, Dr. Gerson Paula Lima, foi prestada expressiva homenagem, no Club Militar, por occasião do seu anniversario natalicio. Damos um aspecto dessa encantadora festa de cordialidade e destacado cunho social.

Dr. João Povoa, advogado nos auditorios desta Capital e nosso confrade da Agencia Meridional.

DE NICTHEROY

O "Club Central" realizou um pittoresco passeio maritimo a bordo do "Mocanguê", pela bahia de Guanabara. Eis aqui alguns dos passageiros do navio excursionista, photographados pelo O MALHO.

Grupo de pessoas que tomaram parte na "Hora de Arte" promovida pelo "Collegio Icarahy", para commemorar o 13 de Maio.

Haile Selassié, ex-soberano da Abyssinia, que perdeu o titulo de Negus e "Rei dos Reis".

A DERROTA DO NEGUS

NARRADA PELO MARECHAL BADOGLIO

A 31 de Março, ás 5 h. e 45 m. da manhã, no grande quartel-general de Asmara, o marechal Badoglio barbeava-se. Seu sobrinho, capitão de cavallaria, que é seu official de ordenança, approxima-se-lhe e diz:

— Meu tio, os Abyssinios atacam!

— Não faz mal — responde o marechal, continuando a barbear-se.

Esse simples detalhe mostra a magnifica segurança dos italianos na victoria.

Desde as primeiras tentativas de contra-ataque, os assaltantes são rechassados em toda a linha. Durante as horas seguintes, a peleja inflammou-se, até que, a 3 de Abril, as tropas italianas do 1° corpo do Exercito occuparam Enzba. No mesmo dia, o corpo erythreu tomou, á esquerda, Aguberta, depois de executar um vasto movimento envolvente. Si o inimigo retardasse a fuga, o Negus teria cahido numa verdadeira ratoeira.

Desde as 6 horas da manhã de 4 de Abril, todos os pilotos das esquadrilhas de Asmara e de Massaúa singravam as alturas. Um premio fôra promettido ao aviador que alcançasse a carruagem do Negus.

No fim da tarde, o corpo do exercito erythreu tomou Quoram, ultimo quartel-general do Imperador. O 1° corpo de exercito segue a toda pressa: é um hallali infernal de que os guerreiros de todas as armas querem participar.

Na garganta de Neham, onde o terreno é bastante arborisado, os Italianos encontraram grande numero de atiradores mortos, juncados nas arvores.

NA TENDA DO MARECHAL

O marechal espera-nos e nós vamos ouvir da sua propria bocca a narrativa dos dias terriveis que acabavam de passar os seus soldados.

"Tudo está acabado, o exercito do Negus, em completa derrota, foge ao sul do lago Achangui, perseguido por nossas tropas e pela aviação... Estou ameaçado de ficar sem trabalho..."

"Esta derrota, do ultimo exercito do Negus no *front* norte, permitte-me considerar cumpridos os nossos planos mais audaciosos... Desde principios de Fevereiro e durante o mez de Março, occupámos todo o territorio possivel. Assistiu-se á formação da columna de Gondar e da de Safta. A columna do 2° Corpo do exercito, após a passagem do Tacazzé, occupou Barej-Darkua-Dabat. O 3° corpo, depois da tomada do Tembien, accupa Socota. A columna que se apossou de Gardo cortou todas as communicações imperiaes.

Fomos informados da presença, no sul do lago Achangui, das forças inimigas, que comprehendiam seus sessenta mil homens, commandados pelo Negus. Para encurtar a distancia que nos separava desse exercito, mandei o 1° corpo avançar. Foi uma caminhada penosissima. O terreno era extremamente accidentado e os nossos soldados tiveram que avançar num dedalo de montanhas russas. Após o Amba Alaghi, a operação que eu desejava emprehender necessitou uma preparação assaz prolongada. As nossas tropas pareceram fixar-se no logar. Tinha em mente atacar, aos 5 de Abril, com o 1° corpo de exercito e o corpo de exercito erythreu. O inimigo, no desfiladeiro de Efga, já estava em contacto com as vanguardas italianas, mas, transgredindo as ordens do Negus, que sempre aconselhara seus chefes militares a não travarem nenhuma grande batalha, mas a entrarem numa guerrilha incessante, o exercito negro permanecia agrupado quando o alcançámos. Deixavamos assim toda possibilidade de batel-o...

O NEGUS ESTA' PERDIDO

Proseguia os preparativos para o ataque, quando o Rei dos Reis passou o desfiladeiro de Agumberta, ao N. do lago Achangui. Era uma loucura, e eu o fiz ver aos que me rodeavam. "O Imperador está perdido! — disse a meus officiaes — "Elle não poderá escapar a seu destino. Si me ataca, é vencido; tem que fugir acceleradamente."

"O Negus — continúa Badoglio — devia tomar, como eu pensava, a iniciativa das operações. Em vez de deixar-me o tempo de atacar Puognau, a 6 de Abril, lançou seus exercitos sobre os nossos a 31 de Março. Eu tomara, prevendo uma tal decisão, todas as precauções que se impunham, tanto com as minhas forças de infantaria como com as de artilharia. A batalha que se travou então devia ser a mais sangrenta de toda a campanha. Prisioneiros abyssinios confessaram que seus principaes chefes haviam perecido na luta. Disseram-nos ainda que, perdida toda esperança, o Negus desappareceu num automovel, escoltado unicamente por alguns soldados da Guarda Imperial e perseguido pelos aviadores italianos.

M. E. DE BONNEUIL

Pietro Badoglio, marechal da Italia, vencedor dos exercitos do Negus, e actualmente vice-rei da Abyssinia.

Uma festa da juventude escolar

A encantadora ceremonia da coroação da rainha dos Estudantes da Escola Superior de Commercio, vendo-se a rainha cercada da sua luzida corte de Princezas e, em baixo, um aspecto da assistencia.

Fundação Medico-Cirurgica

A Fundação Medico-Cirurgica inaugurou, com a presença de elementos os mais destacados da sociedade e dos meios scientificos, o seu ambulatorio no decimo andar do Edificio Regina, á rua Alcindo Guanabara, 21.

Damos aqui dois aspectos desse acto inaugural, vendo-se seu director, Dr. Alfredo Pinheiro e distincto corpo medico e enfermeiros presentes.

A HEROINA DA FRANÇA

(Especial para O MALHO)

PARIS viveu, num destes dias de Maio, uma hora memoravel.

Paris, sómente, não. Toda a França. E' que, mais uma vez, desfilou, em *grande tenue*, deante da estatua de Joanna d'Arc, tudo quanto a terra immortal possue de mais representativo, como expressão nitida de força, de belleza, de graça, de tradição immemorial. Todo o exercito, toda a mocidade, — essa classica *jeunesse dorée* — todos quantos amam a patria do espirito e do bom gosto prestaram a sua homenagem, tributaram o seu culto patriotico, a sua devoção civica e religiosa áquelle vulto maximo da velha Gallia imperecivel: Joanna d'Arc, a heroina, a santa, a martyr. A França, nesse gesto luminoso, recuou cinco seculos de suas chronicas immortaes, quinhentos annos dos seus fastos gloriosos. E reconstituiu, no retrospecto precioso, o scenario da Patria, e figura central, o actor genial que representou, neste scenario, a grande epopéa da salvação nacional. Foi no seculo XV. A França aviltada, demolida pela Inglaterra, encontrava-se na imminencia triste de se tornar uma simples colonia ingleza.

O rei francez estava reduzido, de derrota em derrota, a um mero rei de opereta. Com alguns officiaes e um pequeno exercito, nada mais podia fazer. Era a DEBÁCLE final, a suprema ignominia da derrota de um povo, da fallencia de uma nação. E' nesta conjunctura que Deus escolhe, no fundo de uma provincia, em Domremy, o instrumento da sua providencia. E' uma donzella de poucos annos: Joanna d'Arc, uma camponeza obscura.

Inspirada pelo Eterno, deixa a joven a sua aldeia, arma-se, põe á cabeça loura um capacete symbolico e vae apresentar-se ao rei vencido, da sua Patria. Conferencia com o soberano. Este lhe entrega o commando em chefe das suas poucas tropas. E ha o grito de alerta á nação. Esta, sob o commando da heroina, se levanta, cohesa, electrizada, delirante. E recomeçam a luta encarniçada, os recontros sangrentos. E começa o periodo aureo das victorias, até ao triumpho completo.

Joanna d'Arc conduz o rei até á cathedral de Reims, onde recebe o monarcha a sagração lithurgica. Terminada a missão que o Alto lhe confiara, Joanna d'Arc soffreu os revezes, os dissabores, que corôam sempre a vida dos heroes. Foi sacrificada pelos inglezes e o seu cadaver incinerado. Das cinzas, que consomem o sangue dos martyres, porém, resurgem as idéas que não morrem.

... ...

Cinco seculos lentos se escôam. Mudam os tempos e mudam os homens. O que é perenne, é o culto dos verdadeiros heroes, sobretudo, quando circumda a fronte destes heroes o diadema da santidade, a aureola immarcessivel do martyrio. Agora, quando uma onda subversiva procura engulir a França, esta se levanta, no que tem de mais nobre e de mais puro, de mais representattvo e de mais sagrado, para festejar, no coração da Patria, aquella que foi sempre a sentinella indormida, o annjo tutelar desta Patria.

Testemunhando esse culto á Joanna d'Arc, a França authentica como que renova os protestos de nação tradicionalista, de povo que busca no seu passado memoravel, a resomnancia patriotica. O communismo, alli, não vingará. Mesmo que os politicos queiram implantal-o, não conseguirão adeptos, nem na alma genuinamente franceza, nem no exercito. E' questão de tempo para ser provado o asserto. Acima das paixões politicas, dos homens que passam, estão as idéas que não morrem, estão as tradições sagradas, que se não extinguem. E dentre estas tradições sempre vivas, sempre victoriosas, portanto, está Joanna d'Arc, uma eterna fonte de civismo, uma perenne lição de bravura moral e de crença constructora.

Esse brado, que, agora, repercutiu, de extremo a extremo da nação — *Viva Joanna d'Arc!* — é um brado de alerta. E' como um protesto, que surge do coração popular e equivale á grandeza deste outro clamor collectivo: "Viva a França do passado, a França de Joanna d'Arc!"

ASSIS MEMORIA

O MEU AMIGO HUMBERTO

ATIROU nervosamente o chapéo sobre a cama e exclamou se sentando:

— Nada! Foi-se, como todas as outras, a minha ultima esperança de emprego.

Era meu amigo e chamava-se Humberto Lima. Moravamos ha algum tempo no mesmo quarto duma pensão barata. Ja fazia um mez que Humberto estava desempregado. E sempre a mesma noiticia quando chegava da rua. E era de ver como recebia elle essas desillusões. Sem uma queixa. Sempre rindo. Dava-me vontade de esperançal-o. Mas não me deixava margem. Para cada desillusão tinha um sorriso mais alegre.

Admirava o g e n i o de Humberto. Sempre alegre. A pensão, elle trazia em polvorosa. Sempre uma pilheria. Um caso engraçado. Uma anecdota. E todos riam. Todos. Excepto um sujeito que usava *pince-nez*, com cara de mestre de musica do interior — como dizia Humberto — e com ares de vida mysteriosa.

Neste dia, porém, Humberto não sorrira. Fel-o, entretanto, para Ilma, uma nossa vizinha de olhos profundos e sombrios que na janella o esperava. Ilma fitou os seus olhos languidos para elle, como se quizesse penetrar-lhe na alma, naquella alma que eu, seu companheiro de quarto, não comprehendia bem. E Humberto lhe foi logo perguntando:

— Qual a *matinée* que vamos hoje? Gloria ou Lyceu?

— ...

— Combinado.

Admirei-me daquillo pois sabia que Humberto estava com pouco dinheiro. E quando Ilma entrou, elle se virou para mim:

— Amar é uma necessidade nestas occasiões, meu amigo...

E tinha razão. Era mesmo uma necessidade para elle.

❖ ❖ ❖

Dia a dia minha amisade por Humberto augmentava. Achava interessante o modo com que levava a sua desventurada vida. Sempre r i n d o. A preoccupação de desempregado não lhe abatia o animo. Ou seria que não se preoccupava? Não. Humberto se preoccupava. Porque quasi sempre á noite notava que elle custava a adormecer. Via na escuridão a luz do seu cigarro. E pela manhã, as pontas espalhadas pelo quarto, me diziam quanto havia sido curto o seu somno. Preoccupava-se. Mas não dava a entender. A ninguem. Nem mesmo a mim. Preoccupação intima. Silenciosa.

❖ ❖ ❖

Uma certa manhã vi que Humberto sahia á rua levando um embrulho. Era a segunda vez que assim acontecia. Lembrei-me de que ha muito não o via com a sua cigarreira laminada. Estaria elle vendendo os seus objectos de uso? Este meu pensamento me obrigou a seguil-o. E o fiz guardando uma certa distancia. Ao chegar ás proximidades duma casa de penhores, Humberto diminuiu os passos. Olhou para todos os lados, como a querer se certificar de que não havia por ali ninguem conhecido. E entrou. Momentos depois sahia sem o embrulho. Ah, era aquillo! Humberto não estava vendendo seus objectos. Fazia coisa peor: penhorava-os.

Quando Humberto chegou na pensão eu já estava. Entrou no quarto cantando. Olhei firme para elle e perguntei-lhe pela cigarreira.

— Botei no prego, respondeu-me.

E em seguida:

— Hoje levei a minha roupa côr de cinza. Que quer você, meu amigo? Não encontro trabalho. Mais adiante irá o meu terno mais novo.

E sorriu triste. Era a primeira vez que eu via aquelle sorriso. Será que o o f f e n d i indagando pela cigarreira? Humberto sorrira com tristeza! Por que fiz eu aquella pergunta? Tinha-lhe maguado de certo. Toquei-lhe em cheio na ferida. Por isto não negára. Havia botado no prego. Deixava-se explorar m i s e r a v e l m e n t e. Mas precisava. Estava sem dinheiro. Desempregado. Emquanto ia pensando e s t a s coisas, elle, da nossa janella, já conversava alegremente com Ilma. Com a maior naturalidade. Como se não tivesse chegado ha pouco duma casa de penhores. E acertou a *matinée* daquelle dia, conforto unico para a sua tristeza.

❖ ❖ ❖

Uma tarde cheguei na pensão antes da hora habitual. Encontrei a porta do nosso quarto fechada. Fechada por dentro. Humberto estava lá. Que estaria fazendo? Subi numa cadeira. Por que fazia eu aquillo. Olhei pela bandeira da porta. E vi Humberto com uma tristeza profunda, fazendo vagarosamente um pacote. Era o seu terno mais novo que se ia. E á noitinha durante o jantar, contou mais uma anecdota. Onde todos riram. Todos. Menos o sujeito de *pince-nez* e que parecia ter vida mysteriosa.

❖ ❖ ❖

Um bello dia notei que alguem subia a quatro os degráus da escada da p e n s ã o. Era Humberto. Vinha mais alegre que o costume. Abraçou-me rindo:

— Estou collocado, sabe? Numa casa do Rio! O meu a m i g o Aloysio me arranjou isto sem me dizer que o estava fazendo. Para me fazer surpresa. Li toda a correspondencia trocada entre elle e a firma. Tudo certo! Telegraphei agora mesmo perguntando o dia que devo seguir. Como Ilma vae ficar radiante! Onde estará Ilma? Por que ella não apparece logo na janella?

E abraçou-me novamente.

❖ ❖ ❖

Cinco dias d e p o i s estavamos no quarto quando chegou um telegramma para elle. Humberto abriu de mãos tremulas. Leu. E ficou de olhos parados para o telegramma como se não tivesse comprehendido. Approximei-me. Vi que os olhos de Humberto estavam humidos. A casa desistira de lhe dar o emprego! Quiz confortal-o. Mas não o fiz. Qualquer palavra minha faria explodir todas as suas amarguras e desillusões ha tres mezes recalcadas. E me afastei.

Humberto passou o lenço nos olhos e foi á janella. Defronte estava Ilma, o seu unico consôlo. Olharam-se. Olharam-se fixamente. E Humberto, rindo, combinou uma nova *matinée* para aquella tarde.

A FLOR DE LIZ ATRAVEZ DOS TEMPOS

Lacurne de Sainte-Palaye pergunta si aos ferros de lança qualificados de *flores de liz* não se deveria chamar, antes, *pheon* ou *ferro de dardo gaulez*, que mais se approxima da antiga *flor de liz* heraldica de tres hastes e terminadas por uma ponta unica. A addicção das duas hastes lateraes inferiores é, relativamente, moderna, remontando ao XIVº seculo. Onde teriam buscado inspiração para a creação de semelhante ornato? No sapo? Na abelha? Na cruz? No iris amarello dos charcos? No martagão vermelho? 'No lyrio da Calcedonia? Seria o emblema mystico da Virgem, ou, como o quer Fonsemagne, um ornato puramente arbitrario e commum a todos os soberanos?

Um facto é certo. As origens do que chamamos flor de liz (escreve o marquez Du Four de La Londe) perdem-se nas trevas das edades, nos mysterios sagrados do Velho Oriente.

A flor de liz, muito antes do advento dos Capetos e da invenção do armorial, já era o signo da Realeza byzantina. A lenda diz que "Deus, por interferencia de um anjo, transmittiu suas armas ao rei Clovis". Géliot, em seu livro "Vraye et parfaite Science des Armoiries" accentua que foi Clovis quem, primeiro, empunhou os lizes de ouro "descidos do Céu". Num Evangelho datado de 875 vêem-se, numa miniatura, duas personagens sob uma chuva de flores de liz vermelhas. Para o autor da "Imitação de Christo", Jean Gerson, fallecido em 1429, foi São Dyonisio que fez doação da flor de liz ao chefe dos Francos. Outros querem que Carlos Magno a recebeu das mãos de um anjo. O florão trilobado figura nos monumentos do antigo Egypto como symbolo de infinito poder, de autoridade soberana e de eterna fecundidade, e serve de ornamento no diadema real dos pharaós e das Esphinges, e de sceptro em suas mãos. Os agiographos revelam-nos que, antes da Era Christã, as personagens sagradas traziam acima de seus diademas a flor de liz, qualificada por São Bernardo *flos habens odorem spei*. Os Cezares adoptaram-na. A imperatriz Placidia ostentava-a no seu diadema. As frontes dos imperadores byzantinos, nas moedas que circulavam de 610 a 820, eram ornadas com flores de liz. Nas armas de Eudes, conde de Anjou, figuravam esses lindos enfeites dos jardins, assim como nos sinetes de Childerico II (715-720), de Thierry II, de Childerico III (733), de Carlos Magno, no evangeliario de Godescalc (780), nos escudos dos descendentes de Hugo Capeto e em centenas de armas, brazões, sinetes, de magnas personalidades e figuras hieraticas.

Os tres lizes constituem o symbolo da fé, da sciencia e da cavallaria: *Tria lilia, fidei, sapientiae et militiae simulacrum.* (Guilherme de Nangis, 1720). As flores de liz foram reduzidas a tres para personificar o clero, a nobreza e o povo, para Gerson; a Santissima Trindade, para G. A. de La Roque; o começo, o meio e o fim, para Chassanée; ou, emfim, o passado, o presente e o futuro, para Pythagoras e Santo Agostinho.

As flores de liz encontram-se em toda a Europa christã; na Inglaterra, sa Allemanha, na Polonia.

O rei São Luiz, de França, recompensou os serviços do sire de Chateaubriand concedendo-lhe, e a seus herdeiros, um escudo semeado de flores de liz de ouro. A flammula da Santa Joanna d'Arc trazia tres flores de liz. A flor de liz deriva do florão trilobado, que se vê no sceptro dos pharaós.

Senhorita Aurora Gonzales, rainha do carnaval de 36 em Tapes, Rio G. do Sul.

Lourdes, graciosa filhinha do tenente Benedicto Flavio da Silva Cyriaco, residente em Belém, Pará.

Mario R. Sandes, nosso constante leitor residente na Bahia.

O cordão carnavalesco "Interrogação", vencedor do concurso promovido pelo semanario "A Interrogação", de Tapes — R. G. do Sul.

Primeiro quadro do Gremio Sportivo Juvenil, de Tapes, Rio G. do Sul.

Das apparencias da Natureza, nenhuma, como as côres, apresenta tanta suggestão artistica, vive tão relacionada com o nosso sentimento. E a acção das côres se faz sentir até na cura de certas molestias.

A observação empirica mesma tem determinado que a dadas côres se deve fazer esta ou aquella attribuição.

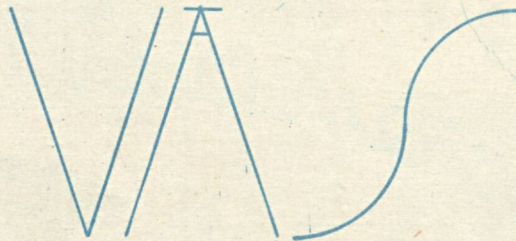
Os proprios costureiros, os que conhecem da psychologia da moda, costumam valorisar algumas côres em detrimento de outras, attribuindo áquellas effeitos infalliveis. Naturalmente que tudo isso deve estar sujeito a leis que nós ignoramos. Aliás, a lei não passa de uma velha verdade que se systematisa...

As côres têm completa importancia linear e mesmo aerea, na composição da silhueta feminina. Como todos sabem, ha côres quentes e côres frias. Ha tons chromaticos altos e baixos. Ha côres exaltadas e côres serenas ou neutras. Emfim, existe um temperamento nas côres. São todos esses factores de ordem physica e psychologica que se imprimem nos vestidos, ou melhor nas fazendas. De tal sorte, além do córte, da linha do desenho, propriamente dito, ha ainda a considerar-se o phenomeno do colorido, isto é da pintura. A mulher, de instincto, frequentemente, se soccorre daquelles dados para realçar sua belleza.

Assim temos côres que emmagrecem, que dão esveltez e até altura ás mulheres, como o **preto.** O **branco** empresta á silhueta levesa, qualquer coisa de juvenil, mas não adelgaça a apparencia das formas; com o **roseo** o mesmo succede, devendo accrescentar-se, certo ar de garridice buliçosa. No entanto, côres quentes, como o vermelho, ou frias, como o verde, tornam a silhueta curta, e outras, como o laranja, ou certos amarellos, tanto quanto pesada.

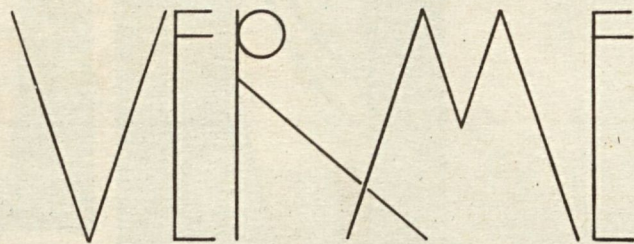
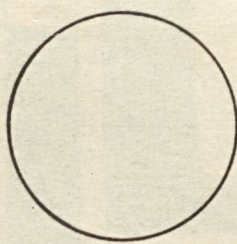
E' evidente que se fala aqui de côres francas. Nas combinações é sempre possivel obter-se alterações que annulem em pouco aquellas influencias. O branco e azul, por exemplo, se adoçam juntos para tornar-se, o azul mais vaporoso, e o branco, com menor mertinez. Ha todo um novo capitulo da influencia das côres e crear-se para segurança... das damas que vão até 75 kilos.

E depois **le noir est toujours habillé...**

AZAS VÃS

Um dia, (quando, agóra, eu não me lembro ao certo,)
Como vagar quizésse, eu disse ao pensamento:
"Arrasta-me comtigo! Alem! aonde deserto,
Sem um astro siquer, acaba o firmamento!"

E lá nos fomos nós, em impeto violento,
Correndo toda a escala azul do céo aberto:
Iguaes na rapidez, sómente a luz e o vento;
Fazia-se, emfim, o mais distante muito perto!

Por onde andei, não sei dizer o que sentia:
A atmosphéra, presumo, estava escura e fria...
E nada me ficou de estranhos altos mundos!

Inda hoje, em vão bracêjo, atormentado e afflicto,
Pedindo ao pensamento o fim dos céos profundos...
– zas vãs! Sonho vago! Infinito! Infinito!

O VERME

"Uma estrella talvez então eu fôsse, quando
Me transformei, um dia, em rastejante verme...
Mas, feliz, viverei, emquanto a Morte dér-me
O de que necessito e vou me alimentando!

Cuidem-me, embóra, um ser nojento e miserando,
Não me julgo, no emtanto, inexpressivo e inerme:
Dos seres virginaes a macia epiderme,
E a carne e o sangue, irei na sombra devorando!

Seja a materia humana o meu melhor repasto:
De remorso, não môrdo a terra em que me arrasto,
Nem me causa pavor o riso das caveiras...

Imagem do Mysterio e symbolo do Nada,
Muito corpo gentil eu já deixei na ossada,
Sem um resto siquer das pompas feiticeiras!"

RENATO TRAVASSOS

O BAIRRO DA SE' NA BAHIA

EDUARDO TOURINHO
(Croquis de MENDONÇA FILHO)

O bairro da Sé, na Bahia, nasceu na segunda metade do seculo XVI, logo depois da chegada de Thomé de Souza. Em verdade o donatario Francisco Pereira Coutinho nada ou muito pouco fez pela cidade. Transferiu-se, tão sómente, da ponta da Barra para o espaço que media entre o antigo Largo do Theatro e o Terreiro de Jesus.

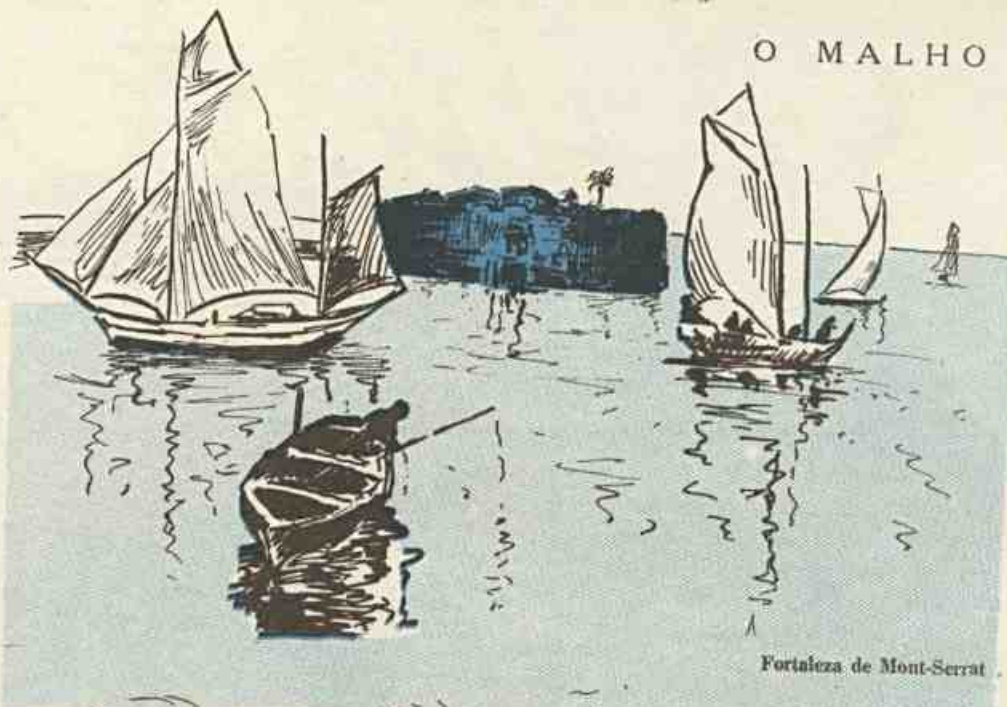
Do alto do "Charriot", — no coração do velho bairro da Sé, — descortina-se um largo trecho da paysagem aquatica que se estende da Gambôa até a ponta de Monteserrate.

O pequeno cabo avança mar a dentro ostentando no dorso a pinturesca fortaleza colonial começada a construir em 1586 sob o governo de Telles Barreto, e encobre a visão da peninsula de Itapagipe — onde estão os aero-portos — e a praia do Bogary, muito clara e muito extensa.

No meio do porto, vê-se o forte de S. Marcello, redondo e raso como se fôra u'a tavola. O fortim remonta a 1623. Nelle esteve prisioneiro e delle fugiu o general farroupilha Bento Gonçalves.

Nesse mesmo trecho da paysagem, descobrem-se vestigios da antiga fortaleza da Gambôa e o local onde se ergue o forte da Jequitaia.

Para além, está a ilha de Itaparica...

Nos dias claros, que festivo panorama se contempla do alto do "Charriot"! Céu azul, aguas azues, velas brancas — muitas velas brancas — cortando e recortando a crista das aguas.

Fortaleza de Mont-Serrat

Forte de S. Marcello

Uma brisa perenne varre a cidade todas as tardes e faz da capital bahiana a mais doce estancia de verão.

Bahia gostosa!

Quem recua do miradoiro do "Charriot", defronta-se com a Cathedral, erguida em 1765 e vê o Cruzeiro de S. Francisco, todo de pedra, em frente do convento, todo de pedra. Vê, mais, a egreja de S. Domingos e vê, ainda, — em admiravel estylo barroco, — a da Ordem Terceira, de cantaria lavrada, separada da rua por um gradil rendilhado e por um portão monumental dos tempos do Brasil-Colonia.

Está no bairro da Sé o melhor retrato dos bairros antigos de Lisboa e do Porto e em nenhum ponto da America — a não ser em Havana — se contemplam edificios mais curiosos e edificações mais typicas de uma epoca do que entre o casario macisso que borda as ruas ingremes, estreitas e mal calçadas do bairro onde está o mais precioso traço physionomico da Bahia.

Todas as vias tortuosas que derivam da velha rua Direita do Collegio dos Jesuitas para a Ladeira de S. Francisco, ostentam esses vastos casarões que se atropelam e se agridem na topographia rebelde dos chãos onde foram fincados. Altos, de fachadas encardidas pelo tempo, que desbotou as côres primitivas de que se vestiram, quadrados, com muitas janellas baixas e estreitas abertas symetricamente ao longo das paredes, arcadas romanas nas lojas e vetustos portões de albradas pesadissimas, eis a expressão monumental do bairro da Sé.

Na quietação das noites bahianas, quem atravessa aquellas ruas, suppõe-se transportado a uma cidade phantasmagorica, petrificada. Nada de ruidos. Nada de rumores. De quando em quando, os passos tardos do vigilante ou o caminhar apressado do um retardatario, de volta ao lar.

Nada mais no silencio das noites bahianas...

Com o tempo, o bairro da Sé desceu as Portas do Carmo, atravessou o Largo do Pelourinho, precipitou-se pela ladeira do Taboão...

Depois, galgou a encosta, pela Cruz do Paschoal e perdeu o nome... E' o bairro de Santo Antonio, onde está aquelle rectangulo abaluartado que era fortaleza entre 1625 e 1703 e que hoje é a Casa de Correcção e onde está o Convento do Carmo, construido nos fins do seculo XVI. Com a egreja da Graça e a da Conceição da Praia, é um dos mais antigos monumentos religiosos da cidade do Salvador da Bahia.

E' no Convento do Carmo que está a tribuna onde frei Eusebio da Soledade de Mattos predicava aos fieis do seculo XVII e é sob as lages de sua nave immensa que repousam o Principe de Bagnuolo — que em 1638 defendeu a Bahia contra a cobiça dos hollandezes — e d. Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, que foi Secretario do Estado do Brasil.

Eis, em traços rapidos, a physionomia do velho bairro da Sé da Bahia, tal e qual ainda hoje é.

Convento do Carmo

O thesouro

Por CHRISTOVAM DE CAMARGO
Illustração de LUIZ GONZAGA

Melbuzio e Antofrasto atravessavam juntos o deserto.

Terminada a feira, Antofrasto, com o seu sacco cheio de lindas moedas de ouro, esperou ainda alguns dias pelo seu amigo Melbuzio que nunca emprehendera aquella viagem e receava fazel-o sozinho.

Acima de tudo, punha os deveres da amizade e rejubilava-o aquelle pequeno sacrificio por Melbuzio, por quem sempre sentira sympathia.

Aproveitava a demora para ver si encontrava quem o ajudasse a carregar a bagagem, por demais pesada para tão larga travessia.

Com a carga commum podia perfeitamente, mas o contrapeso das moedas amedrontava-o.

Não encontrou auxilio, e raciocinou, já meio consolado: o peso que me acovarda é o da minha fortuna: não ha nada demais em que o carregue alegremente.

Puzeram-se em marcha. Ao cabo de algumas horas de caminhada, com um sol de cobre derretido a fazel-os arquejar dolorosamente, chegaram a um oasis.

Propoz Antofrasto que repousassem. Desatou as correias que prendiam a carga preciosa e, em pouco, ambos resonavam.

Antofrasto teve sonhos. Via-se feliz entre o seus, podendo proporcionar-lhes mais conforto, fazendo-os mais felizes. E quem o lobrigasse pregustanto em sonhos a delicia da surpresa que ia fazer á familia, notar-lhe-ia um sorriso de beatitude.

A noite de Melbuzio não foi tão calma. A vizinhança daquelle thesouro punha-lhe em fogo a imaginação., afugentando o somno.

Dia velho, acordaram. Antofrasto levantou-se alegre, depois daquella noite deslumbrante de sonhos. Espreguiçou-se com volupia e approximou-se da bagagem. Queria acariciar com o olhar aquellas moedas, fonte de toda a sua ventura.

O thesouro havia desapparecido! Naturalmente, ladrões do deserto, passando por ali, haviam dado com os olhos na presa magnifica! Ou quem sabe si alguem da cidade, sabedor da sua fortuna, o acompanhara furtivamente, á espera da occasião propicia?

Antofrasto arrancava os cabellos, desesperado, proclamando-se em altos brados o mais infeliz dos homens.

Melbuzio consolou-o o melhor que pôde e lá continuaram a viagem. Dentro em pouco, a inclemencia do sol ia-lhes pondo nos hombros torturas de cilicio. E na desordem da partida, na tristeza de se ver roubado, esquecera-se Antofrasto de encher o cantil, o mesmo acontecendo com o companheiro.

Este parecia soffrer mais. Ia offegante, arrastando pela areias impiedosas o passo tropego.

Antofrasto, que se acostumara, ao começo da viagem, á carga do seu thesouro, andava com relativa facilidade. E começou a sentir compaixão pelo amigo, mal habituado áquellas travessias asperas.

O soffrimento de Melbuzio ia augmentando á medida que o sol subia para o zenith. Com a bocca aberta, resfolegava como um cão. Doiam-lhes os beiços resequidos, rachados como pedaços de barro mal cozido.

Antofrasto animava-o: Eia, irmão! Está prestes o termo da jornada. Coragem, mais alguns passos e teremos chegado! Melbuzio, com os olhos fóra das orbitas, mal podia falar e ia cambaleando como um ebrio.

Houve um momento em que Antofrasto pensou: dessa maneira não chegaremos ao cabo da jornada.

E, no emtanto, avistavam-se bandos de aves, prenunciadoras de que a cidade estava proxima.

— Não posso mais! arquejou Melbuzio. E atirando-se ao solo escaldante, entregou-se para morrer.

Antofrasto tomou uma decisão: "Assim, vejo que morrerás antes de chegarmos á cidade. Vou deixar-te e, sozinho, caminharei rapido. Dentro em pouco voltarei, trazendo soccorro".

Desdobrou o manto e atirou-o sobre Melbuzio, resguardando-o dos dardos solares, e partiu celere.

Quando voltou, trazendo cheio o cantil, com um animal para transportar o agonizante, encontrou-o morto.

— Os fados me perseguem! exclamou fóra de si. Que mal fiz eu aos deuses para me tratarem dessa maneira? Roubam-me o thesouro, com o qual ia levar a paz e a felicidade ao lar, e agora o sol assassino arrebata-me o leal companheiro de viagem!

Ao agarrar o cadaver para collocal-o sobre a alimaria, ficou mudo de espanto. Enrolado no manto do infeliz, descobriu o seu thesouro, o sacco prenhe de lindas moedas reluzentes.

Parecia-lhe uma allucinação. Não, não era possivel! O sol, queimando-lhe o sangue, produzia-lhe febre. Não podia deixar de ser o delirio.

Mas não, sentia-se senhor de si, era a realidade, tinha sido roubado pelo amigo!

Então comprehendeu tudo.

Com aquella carga, pesada demais para os seus hombros, da qual se não pod[illegible] desembaraçar sem se trahir, Melbuzio [illegible] victima da sua ambição.

Antofrasto cahiu de joelhos e levantou aterrorizado as mãos ao céo, humilhando-se ante a justiça dos deuses, que fazem os homens maus encontrar castigo no seu proprio peccado.

Senhorita...

Sol e mais sol.

Por maior que seja a "torcida" o tempo bom não quer abandonar-nos.

As elegantes já escolheram lãs, feitios, copiaram modelos de Paris e de Hollywood, outras se deixaram seduzir pelas etiquetas que os fornecedores attestam como de verdade nas *creações* recem-recebidas...

Além dos chapéos expressivamente modernos, os "plastrons" trabalhosos revélam quão minuciosa e aprimorada é a moda nos seus immensos detalhes.

Mas ha calor.

Não castiga muito, por certo, sempre porêm prolonga um outomno meio parecido com os dias de estio em os quaes o thermometro se manteve menos alto.

De *novo*: que as saias dos "tailleurs" são estreitas ao ponto de prejudicar a marcha — no principio do uso — e curtas, bem curtas.

Que os paletots variam do curto aos de meio termo;

Que os vestidos esporte se guarnecem de gravatas largas e vistosas, talhadas ao geito das dos collegiaes;

Que os vestidos escuros levam gola, "plastron", laçadas de tecido claro ou de renda.

Dois vestidos de crepe estampado cuja alacridade é matizada por "manteaux" de tecido liso — claro, para dias bons — escuro, quando o céo se encarranca de nuvens de chumbo.

SORCIÈRE

COMO

Eleanor Whitney (da Paramount) — apresenta dois recentes modelos de chapéos.

Danièle Darrieux, da Ufa, suggere: lindo chapéo de pelucia preta e gracioso "jabot" de organdi branco para uma blusa de "pois" sob casaco de "tailleur".

VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Dixie Dunbar (20th Century) e Paula Stone (Warner Bros) vestem, respectivamente: "ensemble" de lã "beige", blusa preta e bolas brancas; vestido de jersey "ajouré".

Material necessario: 4 novelos de linha crochet Mercer — marca "Corrente", n. 20, F. 610 (Ecru escuro).

1 agulha de crochet "Milward" n. 3 1/2.

1 pedaço de linho ecru de 40,7 x 24, 8 cms.

1 meada de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora" F. 589 (beige).

1 agulha de coser "Milward" n. 7.

Tensão 8 pcl = 1,3 cm. 3 esps = 1,3 cm.

PANNO PARA BANDEJA

BICO DE CROCHET

Começar com 43 tr, 1 pcl no 8 — tr da agulha, 4 esps, 1 pcl em cada dos seguintes 8 tr, 5 esps. 5 tr, voltar.

2ª carreira — 1 pcl no seguinte pcl, 3 esps, 2 pcl no esp de 2 tr, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl, 3 tr, pular 2 pcl, 1 pc no seguinte pcl, 3 tr, pular 2 pcl, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl, 2 pcl no esp, 1 pcl no pcl, 4 esps. 5 tr, voltar.

3ª carreira — 1 pcl no seguinte pcl, 1 pcl no esp, 1 pcl no pcl, 2 pcl no esp, 1 pcl no pcl, 2 pcl no esp, 1 pcl no pcl. 1 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl, 1 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl, 5 tr, 1 pcl no seguinte pcl, 1 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl, 1 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl, 2 pcl no esp, 1 pcl no pcl. 2 pcl no seguinte esp, 1 pcl no pcl, 1 pcl no esp, 1 pcl no pcl, 1 esp, 5 tr, voltar.

4ª carreira — 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 1 lacet. 5 tr, pular 3 pts, 1 pcl no seguinte pcl, 1 lacet, 5 tr, pular 3 pts, 1 pcl no seguinte pcl, 1 lacet, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl. 1 esp, 5 tr, voltar.

5ª carreira — 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 1 L. esp, 1 lacet, 1 L. esp, 1 lacet, 1 L. esp. 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl, 1 esp, 5 tr, voltar.

6ª carreira — 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 1 lacet, 1 L. esp, 1 lacet. 1 L. esp, 1 lacet, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl, 1 esp, 5 tr. voltar.

7ª carreira — 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 1 L. esp, 1 lacet, 1 L. esp, 1 lacet, 1 L. esp, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl. 1 esp, 5 tr, voltar.

8ª carreira — Egual á 6ª carreira.

9ª carreira — Egual á 7ª carreira.

10ª carreira — Egual á 6ª carreira.

11ª carreira — Egual á 7ª carreira.

12ª carreira — 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 5 pcl em esp de 5 tr, 1 pcl no seguinte pcl, 3 tr, pular 1 lacet, 1 pcl no seguinte pcl, 1 lacet. 3 tr, pular 1 lacet, 1 pcl no pcl, 5 pcl no esp de 5 tr, 1 pcl em cada dos seguintes 3 pcl, 1 esp, 5 tr, voltar.

13ª carreira — 1 pcl no seguinte pcl. 2 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl, 2 esps, 3 pcl no esp de tr, 1 pcl no pcl, 1 L. esp, 3 pcl no esp de 3 tr. 1 pcl no pcl, 2 esps, 2 tr, pular 1 pcl, 1 pcl no seguinte pcl. 1 esp, 5 tr, voltar.

14ª carreira — 1 pcl no seguinte pcl, 4 esps, 1 pcl no seguinte pcl, 5 pcl no esp de 5 tr, 1 pcl em cada dos seguintes 2 pcl, 5 esps, 5 tr. voltar.

Repetir da 2ª carreira 8 vezes mais, depois voltar e fazer o lado de baixo do ultimo modelo.

Carreira seguinte — 1 pcl no seguinte pcl, 4 esps, 1 pcl no esp, 1 pcl no seguinte pcl. 2 pcl no esp, 1 pcl no seguinte pcl, 2 pcl no esp, 1 pcl no seguinte pcl, 5 esps, 5 tr, voltar.

Repetir da 2ª carreira até completarem 4 modelos. Cortar a linha.

Trabalhar outro pedaço da mesma forma e emendar com uma costura a mão.

Tirar um fio da fazenda 0,7 cm. da ponta em toda a volta do linho e casear com 3 fios de F. 589, cortar as sobras da fazenda e pregar a renda na ponta do caseado.

Depois de terminado o panno, em volta do bico de crochet fazer 2 pc em cada espaço, 5 pc nos esps do canto, 1 pc em cada dos 9 pcl e 1 pc nos pts da emenda.

ABREVIATURAS:

Pt — ponto

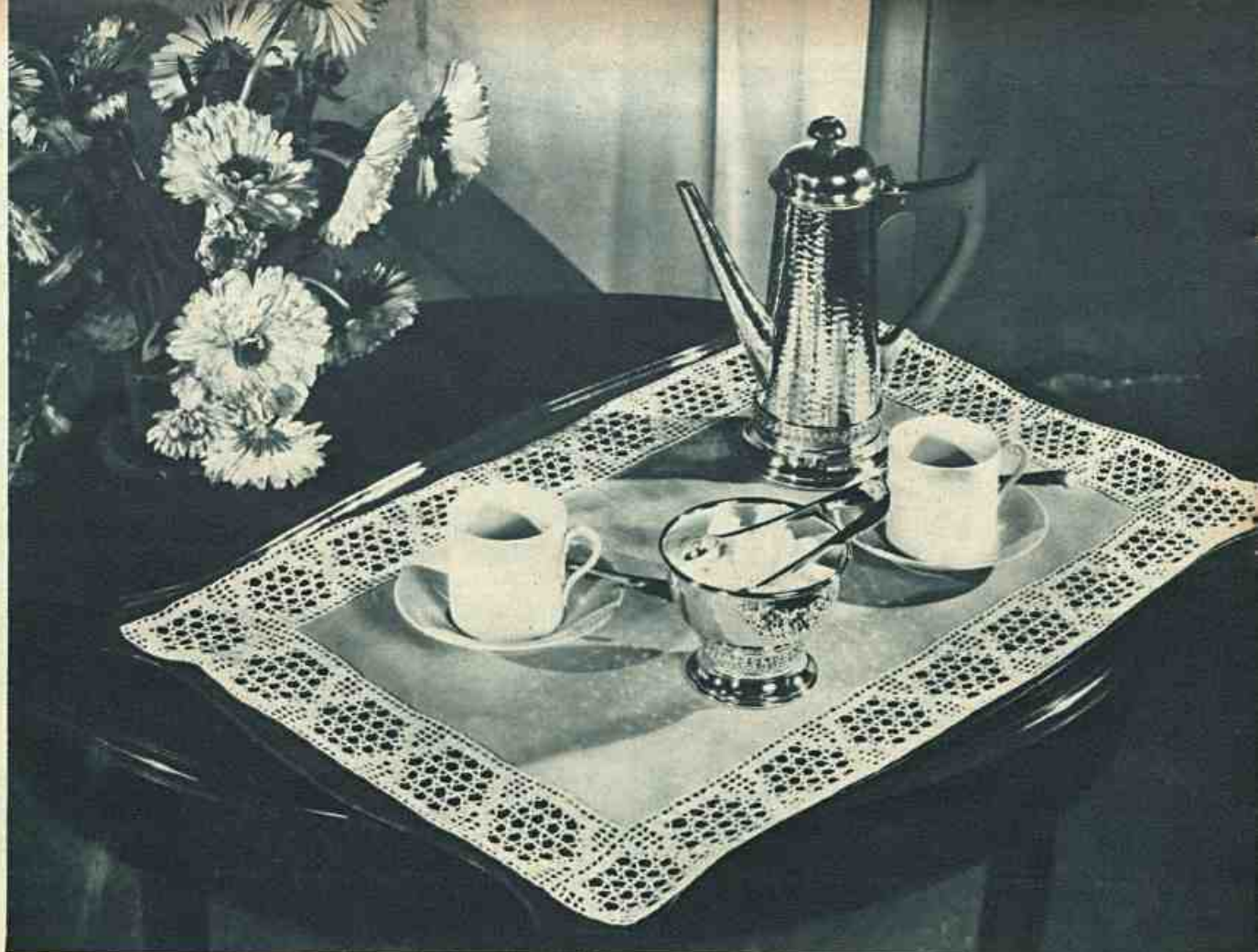
Tr — trança

Pc — ponto de crochet

Pcl — ponto de crochet com 1 laçada

Esp — espaço = 2 tr e 1 pcl

L. esp — longo espaço = 5 tr e 1 pcl

Lacet = 3 tr, pular 2 pts. 1 pc no seguinte pt, 3 tr, pular 2 pts, 1 pcl no seguinte pt.

DE TUDO UM POUCO

VALENTINAS

A Inglaterra é o paiz das tradições. Ultimamente na além-Mancha os nossos visinhos se bombardearam com bellos cartões postaes coloridos, sobre os quaes os expeditores enviavam á destinataria doces juramentos de amor eterno.

Depois de seculos o "Dia da Valentina" é o dia dos namorados; é uma tradição que vem, parece, da idade média, quando se acreditava que no dia de São Valentim, os passaros se casavam.

Na vespera do "Dia da Valentina", em Northamptonshire as camponezas colhem cinco folhas de louro. Em cada uma dellas escrevem o nome de um possivel noivo, collocam uma folha em cada canto do leito e a quinta no meio. Deitam-se, e, quando soam as doze badaladas, comem, no silencio da noite, um ovo duro, inclusive a casca.

E' receita infallivel para ver surgir o noivo que lhe está destinado...

Advertencia ás moças casadoiras: a receita não póde ser efficaz senão em Northamptonshire...

PASTEIS DE PESCADA

Tirem-se as espinhas a um pedaço de pescada, depois de cozida e divida-se o peixe em pequenos bocadinhos.

Refoguem-se, numa caçarola, duas cebolas picadas e um pouco de manteiga, tirem-se depois de promptas e junte-se-lhes, quando frias, uma pitada de pimenta e tres batadas cozidas, bem desfeitas e amassadas com manteiga. Juntem-se a isto, depois de muito mexido, seis ovos inteiros e addicionem-se os pedaços de pescada, batendo tudo bem.

Estando ligada esta massa, vae-se frigindo, aos bocados, em azeite ou banha, servindo-se os pasteis com rodas de limão.

EU SINTO MUITO, MENINA FEIA

Menina feia, que alongas os olhos
ansiosos e supplicantes para os rapazes indiferentes:

Menina feia, que tens uma alma tão bonita,
e que choras por qualquer cousa;

Menina feia, tu és mais artista que as outras
mulheres.

Menina feia, tu és boa, tão boa...
tão carinhosa...

Eu sinto muito, menina feia,
mas eu sou estupido e humano,
e á tua arte, á tua bondade, ao teu carinho,
eu prefiro, menina feia,
as mulheres bonitas e más...

NEWTON BRAGA

PEDRAS PRECIOSAS

Um diamante vermelho, descoberto perto de Kimberley, foi vendido por 900 libras, apesar de só ter seis quilates. E', portanto quatro vezes mais caro do que os diamantes communs.

A côr estabelece grandes differenças no valor dos diamantes. O primeiro é o vermelho, o segundo, o verde. Ha alguns annos foi encontrado um diamante negro em Bloemhof. Quando o cortaram, verificou-se que era de um verde esmeralda, e, embora só pesasse um quilate e meio, foi vendido por 370 libras.

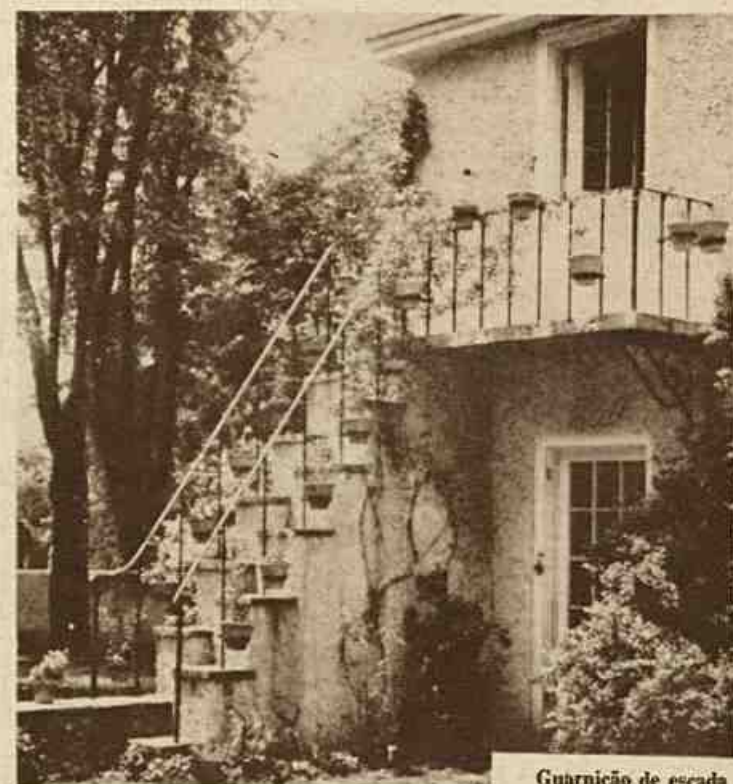
Outro tanto occorre com as perolas. Emquanto um jogo de botões de perolas custa ordinariamente 25 libras, um jogo de perolas rosadas vale 500.

Uma perola rosea, de agua doce, de tamanho excepcional, foi descoberta no rio Mississipi, por um pescador, sendo vendida por 8.000 libras a um sr. Henry Deakin, de Chicago.

O valor da opala depende exclusivamente da côr. A opala commum, branca esverdeada, amarella ou azulada é barata; mas a de côr de fogo vale muito dinheiro. A mais cara é a negra. Em 1931, uma opala negra de 771 quilates foi descoberta em Lightning Ridge, na Australia. Tinha raios vermelhos e azues. Em 1928, encontrou-se uma semelhante. Pesava 225 quilates e foi vendida por 5.000 libras esterlinas

MAXIMAS...

O mais commodo e mais seguro modo de viajar é o de viajar nos bons livros.

A verdade é como o sol; que um eclipse pode obscurecer, mas não extinguir.

Guarnição de escada

A HORA DO ESPECTACULO

(André de Fonquières)

Ha quem deseje modificar o horario dos theatros. O facto de começar o espectaculo ás 19.30 e terminar ás 22.30, como propõem, provocaria uma revoluçãozinha nos habitos sociaes, porque dever-se-ia supprimir o jantar, substituindo-o pela ceia depois do espectaculo.

Tenho muito scepticismo a respeito desta mudança: ao theatro não beneficiaria, absolutamente. Aliás, hoje, a maioria da gente que vae ao espectaculo não janta ou quasi nada come: reserva-se para ceiar, á sahida do theatro. Ha porém, muitas vezes que, estando de regimen, assim não procede. Aos habitos mundanos traria serios inconvenientes: supprimiria os grandes jantares, as recepções das 17 ás 20 horas, a vida dos clubs, que permitte aos homens se encontrarem, para suas palestras, e ás vezes para as partidas de cartas.

O theatro começando ás 19,30 teriamos de ir directamente dos escriptorios para o espectaculo, sem tempo para mudar de roupa, está claro, trazendo isso grande prejuizo para todas as industrias da elegancia, costura, modas, alfaiates. Em taes circumstancias, os armazens de luxo nada mais teriam a fazer senão fecharem as portas.

No interesse mesmo da vida de Paris e do seu brilho, o jantar de gala realizado ás 20 ou 20,30 horas é uma necessidade; é um dos aspectos brilhantes da vida social.

Devemos reagir contra a demora, ás vezes interminavel, dos entre-actos, tanto mais quanto, em muitos casos, não ha modificação de scenario.

Devemos reagir tambem contra a hora tardia do jantar, sobretudo o de gala, que começa ás 21,30 ou 22 horas, um dos absurdos que nos veio do estrangeiros. Que diabo! Por que parodiar tudo que se faz em outras partes?!

A mudança da hora do espectaculo, desejada por um pequeno numero de pessoas, seria, dizem, destinada a vir em auxilio do theatro. Ha porém, outros remedios mais efficazes.

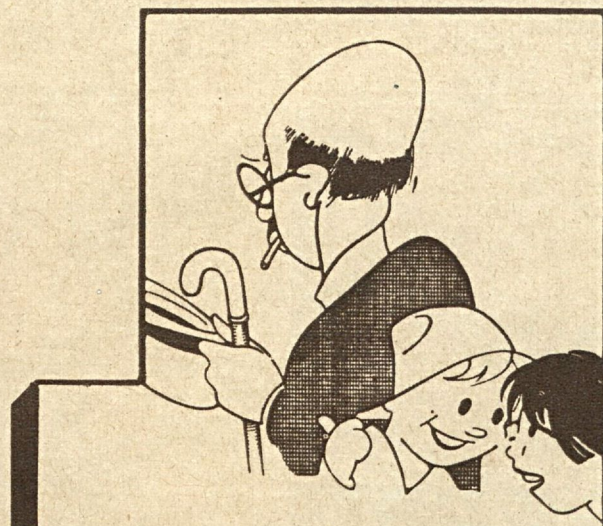
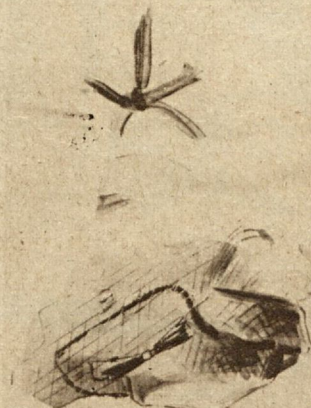
DECORAÇÃO DA CASA

Dois aspectos de "living room". A preoccupação de confôrto allia-se á elegancia dos ambientes modernos.

SILHUETAS ELEGANTES

"Ensemble" de lã preta, faixa de setim, flores de pellica lustrosa azul claro.

"Beige" claro — crêpe de lã e seda — é o tom deste vestido cuja péllerine havana caracteriza o novo movimento de capas.

"Ensemble" de "taffetas" estampado.

Sapatos para de tarde.

Chapéo de "taffetas" preto, "voilette" sobre os olhos.

PARA USAR EM CASA

"Liseuses": de "taffetas" furta côr e de Georgette, fita de setim á cintura.

"Déshabillés" — de setim brilhante côr de café, cinto de cordão prateado. O da direita deve ser talhado em crêpe de seda flexivel.

Cha-péos

Com ou sem aba, os novos chapéos offerecem varias fórmas de modificar a silhueta. Aqui temos dois "canotiers" de Talbot — um escuro, guarnecido de pennas, o outro claro, coberto de voilette de seda.

Tambem um chapéo branco, de feltro, exquisito modelo, ainda se enquadra no "chic" requisito especial dos dois primeiros.

FERNANDE inaugurará dentro de breves dias uma linda "boîte" de chapéos á Av. Rio Branco, 180, onde attenderá a sua escolhida freguezia.

D. C. OLIVEIRA (Rio) — Chegou demasiadamente tarde para apanhar a edição de 13 de maio. A parte literaria das revistas é confeccionada com muita antecedencia. A parte que trata da fasenda do homem mau está muito melhor do que a outra. Nesta, a scena do botequim parece-me tanto artificiosa.

ED (S. Paulo) — Se a senhora deseja um conselho sincero, em vez de gastar o papel, tentando fazer literatura sobre o Carnaval, aproveite-o na fabricação de **confetti**.

L. CORDEIRO (Rio) — Se eu fosse pessimista, abandonaria a leitura do seu soneto, logo no primeiro verso.

"**Heis** que no vacuo d'amplidão, soluto"

Que póde sahir de um soneto que principia tão desastrosamente? Mas eu sou um sujeito de boa fé e por isso fui até o fim. E fiz bem. Nunca vi tanto disparate junto. Ora, veja se a gente anda encontrando, á tôa, um quarteto como este:

"Livido collo, rosto, a fria mão
Deixou pousar-te a mêdo, furto beijo:
Quem resistir impulso ao coração
Contar aquelle, poude, então desejo?"

E o resto é todo, mais ou menos, neste tom. Afinal, isso é soneto ou charada?

LÉA MARA (Rio) — E' uma bella pagina, não tanto pelo brilho, como pela viva emoção que palpita em todas as suas phrases. Parece-me, pelo tom vibrante, um desabafo. Só a amargura d'uma desillusão recente tem essa força, esse colorido inconfundivel.

J. TEIXEIRA DE ANDRADE (Batataes) — Nas mãos do secretario da revista, está uma pagina de sonetos prompta para sahir. Na primeira a ser publicada após essa, apparecerá o seu trabalho.

VALDEREZ (?) — Você ainda não percebeu que os versos dos sonetos têem todos uma certa harmonia, um rythmo proprio? Leia um soneto de Bilac e observe que esse rythmo falta aos dois trabalhos que V. enviou. Tambem faltam-lhe talento e emoção. Mas... primeiro o rythmo.

CELSIUS (Rio) — Acceito a sua proposta, mas se os novos contos estiverem peiores que os antigos, vae tudo para a cesta. Quanto ao livro, sou de opinião que V. deve moderar os seus impetos. Acha que o publico não póde esperar o amadurecimento do seu talento?

M. A. L. (Pelotas) — Sua dissertação professoral sobre a guerra só serve para mostrar a sua erudição. Ora, isso não interessa, em absoluto, aos leitores de uma revista literaria. Sem intenção de feril-o, asseguro-lhe que até eu, que tenho resistencia, á força de habito, não pude deixar de bocejar, como um damnado, emquanto lia o seu respeitabilissimo artigo.

HERMES (Nepomuceno) — Gostei immensamente da sua carta: não tem mais do que uma linha e um pedacinho. Principio, pois, a leitura do seu soneto — "Miragem" — satisfeitissimo:

"Qual miragem do dezertó **enfindo**"...

Desanimei. Passei ao outro soneto, já desalentado. E dou com este terceto:

"Se **ha** muitos, a vida **enganadoura** então,
Apresentava rude e no labor trahia,
No viver inactivo **mais ruim** ficavam".

Ah se eu apanho este poeta no concurso do "Naufragio"! Com que prazer eu o empurraria para o fundo do oceano!

DERMEVAL DE ALMEIDA (Barretos) — Você me pareceu ainda muito crú. Seu estylo é duro, pesado, difficil. Não digo que desista, mas vae ser um trabalhão curtir esse couro grosso.

ALVARO BARRETO (Pindamonhangaba) — Seu artiguete está escripto em estylo typo **pão-de-lot**. E' uma coisa adocicada, fofa, sem substancia. Enforque essa pieguice quanto antes. Nós vivemos no seculo do aço e do cimento.

JOSÉ FELICIO (Bello Horizonte) — Você já ouviu a anedocta do sujeito que possuia uma corrente que ás vezes era de ouro e ás vezes não era de ouro? Pois com os seus versos dá-se o mesmo: ás vezes são poesia e ás vezes não são poesia. Em "Prece" há poesia. Em "Menina Triste" e "Inutilidade", o metal é outro: é **plaqué**...

SERGALIM (Minas) — De sua remessa, posso publicar "Tedio". Nos demais trabalhos, as imagens e as idéas não são novas.

J. A. (Rio) — Reduzindo e modificando o texto, póde-se publicar, comtanto que a photographia que V. promette, seja boa.

CLEFONTE (Recife) — "Carta a S. João" approvada. Sahirá na data opportuna.

I. KUGIMA (?) — Se o desenho der reproducção, está approvado o seu trabalho.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

O TRATAMENTO LOCAL DAS RUGAS

PELO DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Diversos são os processos empregados localmente contra as rugas. Os cremes de belleza e as loções, quando de boa procedencia, são uteis, mas devem ser usados segundo a idade e a qualidade da pelle. A applicação de productos de belleza no tratamento das rugas necessita um estudo minucioso da pelle, pois seu uso depende de cada caso particular.

A massagem é indicada? Sim. Entretanto, é necessario que ella seja feita sob bases scientificas, conforme a inserção dos varios musculos que possue o rosto.

Os agentes physicos, como a electricidade medica, sob a forma de corrente continua, faradica ou de diathermia têm suas indicações nos casos de rugas e flacidez cutanea, pelo facto de que obrigam a excitação e contracção das fibras musculares, ao lado de darem uma maior vitalidade á pelle.

As duchas e pulverisações medicamentosas são tambem optimos meios de tratar, ou melhor, de prevenir as rugas. Quando esses agentes não produzirem mais effeito pelo facto de haver uma grande elasticidade cutanea, ha ainda o recurso magistral da cirurgia esthetica.

Um dos processos electricos empregados no tratamento local das rugas.

Qualquer que seja a ruga existente num rosto, a sciencia possue meios adequados para combatel-a.

A velhice, por essa razão, não deve mais amedrontar o bello sexo, pois a medicina já resolve perfeitamente, nos dias de hoje, o ambicionado problema da juventude.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

JOGOS E PASSATEMPOS

Aquilino R. Piffer
Garibaldi - R. G. do Sul

R. Passos — Bello Horizonte — M. Geraes.

João Baptista Rego — Natal — R. G. do Norte

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 63º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

D. FEDERAL

Heleno M. de Castro — Rua S. Francisco Xavier, 388.

Elvira Varella — Rua da Carioca, 10 — 1º andar.

Názinha — Rua Ferreira Pontes, 160, casa 36.

Potéra — Rua Monte Alegre, 288.

SÃO PAULO

Clarinha Florencio — Rua João Pessôa, 9/60 — Baurú.

Borba Gato — Praça Conego Lima, 1 — S. José dos Campos.

Italo Izzo — Rua São Geraldo, 13 — (Perdizes) — Capital.

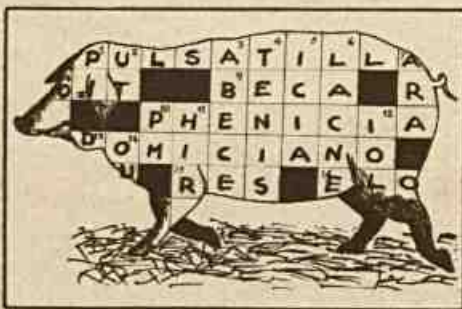
MINAS GERAES

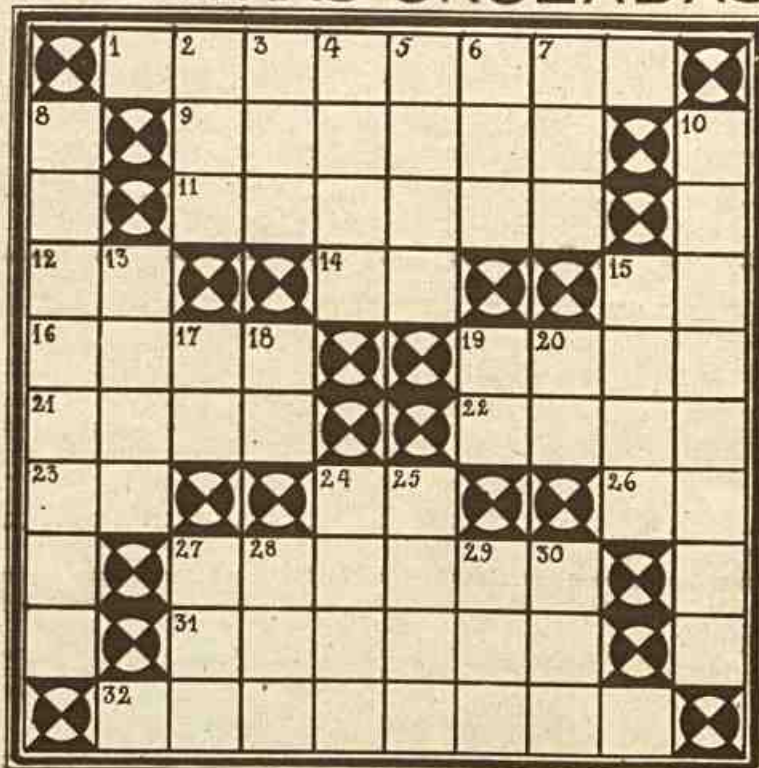
R. Passos — Rua Levindo Lopes, 570 — Bello Horizonte.

RIO DE JANEIRO

Yruama — Rua Uruguayana, 6 — Paty dos Alferes.

GOYAZ

Helena Rios da F. Xavier — Rua 13 de Maio, 9 — Goyaz.

SOLUÇÃO EXACTA DO PROBLEMA Nº 63.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAES

1 — Imperador romano
9 — Preparado pharmaceutico
11 — Instrumento de sapateiro
12 — Animal
14 — Contracção
15 — Letra
16 — Offendido
19 — Roedor
21 — Do antigo calendario romano
22 — Rio da Allemanha
23 — Final de pato
24 — Pronome
26 — Bate (inv.)
27 — Moldura
31 — Materia colorante vermelha
32 — Mulher de Ulysses e mãe de Telemaco

VERTICAES

2 — Raso, rente
3 — Espaço de tempo (graphia moderna)
4 — Escavação
5 — oclusão intestinal
6 — Nome de mulher, ás avessas
7 — Hora canonica
8 — Veado
10 — O que preza
13 — Poeta, cantor
15 — Abelha do Brasil
17 — Unico
18 — Artigo (plural)
19 — Ilha franceza do Atlantico
20 — Parte de navio (inv.)
24 — Adjectivo
25 — Proveitoso
27 — Pintor inglez
28 — Neto de Helen, filho de Apollo e de Creusa
29 — Numero, em inglez (inv.)
30 — Bofetada, sem a ultima

São condições para concorrer a este problema de Palavras Cruzadas:

1) recortar o desenho acima e prehencher os espaços em branco com as letras que formam as palavras de accordo com as chaves respectivas;

2) cortar e collar o coupon n. 66, escrevendo nelle, legivelmente, nome ou pseudonymo e endereço completo;

3) remetter em enveloppe fechado ao endereço: "Jogos e Passatempos" — Redacção de "O Malho" — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

Os premios — optimos romances de escriptores nacionaes ou estrangeiros — são conferidos por sorteio feito entre os solucionadores que enviarem solução absolutamente certa, e são remettidos pelo Correio, registrados.

Para o problema de hoje, bella composição do nosso collaborador Ernesto Auvray, 10 (dez) premios serão distribuidos nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 27 de Junho. A solução exacta e a relação dos premiados, apparecerão n'O MALHO do dia 9 de Julho vindouro.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 66
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

(Q)uer ganhar sempre na loteria?

A astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Orientando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma só vez.

Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".

Milhares de attestados provam as minhas palavras. — Prof. PAKCHANG TONG. — Meu endereço: Gral. MITRE Nº 2241. — ROSARIO (Santa Fé). — Republica Argentina.

A DICTADURA REPUBLICANA

de REIS CARVALHO

Manual de politica scientifica, onde se prova que o verdadeiro regimen republicano é o da mais rigorosa ordem material combinada com a mais ampla liberdade espiritual, onde se defende a verdadeira Republica Social sem extremismos da direita ou da adjeuqre, sem fascismo nem bolchevismo.

LIVRO DE PALPITANTE ACTUALIDADE

Nas livrarias do Rio: Alves, Freitas Bastos, Pimenta de Mello e Quaresma

1 VOLUME BROCHADO DE MAIS DE 150 PAGINAS — 5$000

GALERIA SANTO ANTONIO

Restaurações de quadros a oleo. Molduras de Estylo. Exposição permanente de quadros a oleo de artistas nacionaes.

RUA DA QUITANDA, 25 — Telephone 22-2605

CURA DE HERNIAS SEM OPERAÇÃO

"CLINICA DR. MENEZES DORIA"

ED. ODEON

R. DO PASSEIO, 2-6.º

TEL. 22-8811

NÃO VOU A ESCOLA!

E' o que diz ás vezes, o seu filho. Exemplo máu de certos companheiros... Companheiro certo, de bons exemplos, é o

O Tico-Tico

Ensina ao mesmo tempo que distrái. Instrue, enquanto diverte. O TICO-TICO é o melhor conselheiro da infancia. — Custa apenas $500.

A SAÚDE E EDUCAÇÃO DOS FILHOS Á BEIRA MAR

ESCOLA BRASILEIRA DE PAQUETÁ

Internatos separados para ambos os sexos no centro de dois frondosos parques, num monte á beira mar. Preços reduzidos aos menores de dez anos. Matricula e informações: Rua da Constituição, 33-2.º — Séde da E. B. por correspondencia.

ANNA STEN

CINEARTE

todos os

Katharine Hepburn

CINEARTE

Artistas

E TODOS OS FILMS PASSAM POR CINEARTE. Factos ineditos. A vida dos studios e a alma das "estrellas". Entrevistas com os "astros", os directores e os productores. O mais perfeito desfile das coisas do cinema. - Preço 2$000.

HELMUT

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA